

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

NATIELE DOS SANTOS DIAS

**RACISMO NO BRASIL: PROGRAMA EM PAUTA, UMA EDIÇÃO E SEIS
JORNALISTAS NEGROS**

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Finger

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

NATIELE DOS SANTOS DIAS
E-mail: Natiele.dias@acad.pucrs.br

**RACISMO NO BRASIL: PROGRAMA EM PAUTA, UMA EDIÇÃO E SEIS
JORNALISTAS NEGROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo pela Escola de
Comunicação, Artes e Design – Famecos da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Finger

Porto Alegre
2023

“Falemos de racismo. Mas a gente fala também de outra coisa. Eu não quero mais ser chamada só para entrevistas que falem só sobre a questão do negro, temos muito mais a oferecer. [...] é importante que se normalize a nossa presença falando de diversos assuntos.”

Maria Júlia Coutinho

AGRADECIMENTOS

Quem já me conhece sabe que o meu primeiro agradecimento é sempre a Deus. Foi Ele que me sustentou até aqui mesmo eu me deparando com momentos em que tinha mais motivos para desistir do que continuar. À minha família pela paciência enquanto eu me ausentei e precisei priorizar essa conquista. De qualquer forma, sabia que seria por tempo limitado, mas a saudade e o coração são os que não entendem muito bem.

Ressalto aqui o destaque aos meus irmãos [escrevi esse verso chorando]. Eles foram forças que, mesmo de longe e sem saber, me impulsionaram a concluir a graduação. E sabe por qual motivo me fortaleceram? Pois uma das minhas maiores prioridades é servir como inspiração para eles todos os dias. Ao meu marido que abraçou e abraça os meus sonhos como se fossem seus, segurando todas as pontas necessárias. Sem ele, seria muito mais difícil conciliar e viver certas coisas. Foram seis anos e meio ultrapassando barreiras e limites internos e externos para que eu pudesse chegar ao destino final. E agora está mais perto do que nunca.

Aos amigos que conheci fora da faculdade mas que, à medida que foram chegando, me ajudaram orando e intercedendo pela minha vida. Saibam: vocês fazem parte disso. Aos meus colegas que, durante a graduação, serviram de suporte. Em especial à Andressa e a Luisa que chegaram em um momento bem difícil (mas bem difícil mesmo) e trouxeram luz sendo minhas companheiras de trabalhos, desabafos e dificuldades que, por muitas vezes, sem pedir nada em troca seguraram forte a minha mão e me puxaram para mais perto de onde estou hoje. Já formadas, até no tcc se mobilizaram para ser suporte. Digo e repito, elas são um presente da Famecos. Assim como tantos outros que passaram ou ainda estão por lá.

E nessa reta final, que a rede de apoio foi fundamental, o meu muito obrigada ao meu pai, à minha mãe, à Larissa Moura, Eduarda Martins, Tassiane Costeira, Érika Garda, Winnie Ferreira e Charise Boeira. E, claro, à minha orientadora Cristiane Finger que me ensinou a amar a televisão, o audiovisual e os seus desafios desde o início do curso, e pela paciência durante a orientação deste trabalho. Sem ela, ele não aconteceria. Encerro aqui o registro desse agradecimento, mas o sentimento de gratidão será eterno.

RESUMO

Este trabalho trata sobre o combate ao racismo através da informação. Foi analisado um episódio ocorrido na GloboNews depois da morte de George Floyd nos Estados Unidos. Para examinar o programa especial, cuja bancada estava composta por jornalistas negros, foi utilizada a Análise de Conteúdo conforme abordada pela autora Laurence Bardin (2011), dividindo a edição em cinco categorias diferentes. A estrutura de contextualização da pesquisa contou com autores como: Abdias Nascimento (1978), Silvio Almeida (2019), Muniz Sodré (1992) e Sérgio Mattos (2002). Ao final da pesquisa é possível compreender que o racismo estrutural ainda não foi banido das redações de telejornalismo, mas é refletido em suas dinâmicas diárias.

Palavras-chave: racismo, racismo estrutural, telejornalismo, estereótipo negro

ABSTRACT

This work deals with the fight against racism through information. An episode was reviewed on GloboNews after George Floyd's death in the United States. To examine the special program, whose bench was made up of black journalists, Content Analysis was used as addressed by author Laurence Bardin (2011), dividing the edition into five different categories. The contextualization structure of the research included authors such as: Abdias Nascimento (1978), Silvio Almeida (2019), Muniz Sodré (1992) and Sérgio Mattos (2002). At the end of the survey it is possible to understand that structural racism has not yet been banned from the newsreels, but is reflected in their daily dynamics.

Keywords: racism, structural racism, television, black stereotype

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A CONSTRUÇÃO DE UM BRASIL ESCRAVIZADO.....	9
2.1 A resistência pré e pós-escravidão	10
2.2 Racismo estrutural.....	16
2.3 O racismo reverso e a deslegitimação da pauta	19
3 A MÍDIA E O SEU PAPEL NA PERPETUAÇÃO DO RACISMO.....	21
3.1 Televisão e sua influência	22
3.1.1 O negro nas telenovelas	23
3.2 O negro na mídia: a dificuldade do acesso ao ensino superior	27
3.3 Telejornalismo e entretenimento: a perpetuação dos estereótipos	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
4.1 Pré-análise	35
4.2 Descrição do objeto	36
4.3 O programa do dia três de junho de 2020	38
4.4 Recorte e categorização	41
4.4.1 Análise das categorias.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A contribuição do povo negro na construção do país é um fato inegável. Abdias Nascimento (1978) ressalta que a estrutura econômica do Brasil jamais teria sido estabelecida sem a presença dos escravos. Segundo o autor, o papel desempenhado pelos negros como escravos foi fundamental para a formação da base econômica do Brasil. O que é um paradoxo frente às desigualdades vividas pela população negra nos dias atuais. A prática, ou a falta das mesmas, por parte das instituições sociais, perpetuam a desigualdade racial vivida em solos brasileiros desde a abolição da escravatura. A partir disso, identifica-se o racismo estrutural conceituado hoje.

O jornalismo, que deveria servir como um agente de transformação na sociedade, acaba por refletir o sistema discriminatório em que o país se encontra. O presente trabalho trata da contribuição, em específica do telejornalismo, para o reforço dos estereótipos atribuídos aos negros e, conseqüentemente, do racismo estrutural. Através da análise da edição do programa Em Pauta, da GloboNews, veiculada no dia dois de junho de 2020 com a presença de seis jornalistas negros após o movimento realizado na internet em detrimento da edição do dia anterior, que contou com a participação unânime de profissionais brancos tratando sobre a pauta de racismo envolvendo os protestos após a lamentável morte de George Floyd.

Para a elaboração desta monografia foi utilizada a pesquisa de caráter exploratório, com o objetivo de proporcionar um panorama amplo em relação à problemática abordada. O trabalho foi organizado em cinco capítulos. O primeiro introduz e descreve a pesquisa realizada, o tema, o objetivo da mesma e a estrutura em si. O segundo capítulo consiste na contextualização sobre a construção do Brasil desde a escravidão, o período de resistência pré e pós-abolicionista e o processo que envolve o racismo estrutural e a deslegitimação da pauta até os dias de hoje. Tendo como principais autores: Abdias Nascimento (1978), Silvio Almeida (2019) e Gilberto Maringoni (2011).

Em um segundo momento são retratadas as funções da mídia em relação à perpetuação do racismo. Com base nas leituras de Muniz Sodré (1992), Sérgio Mattos (2002) e Pierre Bordieu (1997) compreendeu-se o quanto a mídia, e a televisão como um todo, influencia e reflete as demandas estruturais da sociedade, além de descrever a história da televisão e alguns dos principais estereótipos televisionados dentro e fora do jornalismo que fortaleceram a imagem da população brasileira referente à pessoa preta.

O terceiro explica o procedimento metodológico escolhido, explicando a Análise de Conteúdo proposta pela autora Laurence Bardin (2011), a descrição do programa como objeto

e contendo a identificação de cada uma das cinco categorias escolhidas conforme o que recomenda a análise. Sendo elas: 1) Retratação, 2) Caso Floyd, 3) Experiência pessoal 4) Racismo estrutural e 5) Estereótipos. Todas elas examinadas uma a uma conforme apresentadas no programa em questão. Nas considerações finais aborda-se a análise do objeto e como ela reflete no âmbito comunicacional e na sociedade como um todo.

2 A CONSTRUÇÃO DE UM BRASIL ESCRAVIZADO

Este capítulo trata sobre a construção política-social do Brasil enquanto último país a abolir a escravidão e as suas consequências que perduram até o momento atual do país e do mundo, através do racismo estrutural e de tentativas de deslegitimação da luta racial por equidade, dignidade e qualidade de vida.

Nos dias de hoje, ao se estudar sobre o Brasil, compreende-se que o país teve o começo de sua história marcado pela exploração da mão de obra humana a partir da escravidão de povos originários e africanos, por parte dos chamados descobridores portugueses.

A escravidão no Brasil teve seu início em meados do século XVI, quando os portugueses exploravam a costa africana em busca de ouro, marfim e, como fora citado anteriormente, mão de obra humana, a fim de explorá-la para o cultivo de cana-de-açúcar no território brasileiro (NASCIMENTO, 1978).

Em 1502, o navegador português Gaspar de Lemos trouxe o primeiro grupo de africanos escravizados ao país, com o objetivo de trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar recém-estabelecidas pois, na época, o recurso humano era considerado barato. No início, os africanos escravizados eram trazidos em pequenos números, principalmente da região da Guiné e da Costa da Mina. No entanto, a partir do século XVII, a demanda por mão de obra escrava aumentou rapidamente devido à expansão da produção do açúcar e, mais tarde, com o desenvolvimento da mineração de ouro e diamantes. Com isso, estima-se que mais de 4 milhões de africanos tenham sido trazidos para o Brasil como escravos entre os anos de 1600 e 1850 (NASCIMENTO, 1978).

Capturados em guerras tribais, sequestros e ataques de traficantes humanos, eles eram trazidos pelos chamados navios negreiros em condições insalubres: amontoados em espaços apertados e hostis para o desenvolvimento da vida. Parte dos escravizados não chegaram ao fim do trajeto e morreram durante a travessia por conta de doenças, maus tratos ou desnutrição. Ao chegar ao Brasil, eram vendidos em leilões para proprietários de plantações, mineradores e comerciantes como moedas de troca. A partir deste momento, os escravizados eram obrigados a trabalhar longas horas em condições brutais, sem salário ou direitos como os trabalhadores atuais possuem. As mulheres eram frequentemente estupradas pelos seus senhores, mais conhecidos como escravocratas - aqueles que possuíam escravos - e as famílias separadas e

vendidas para diferentes proprietários e regiões do país.¹

Esse tipo de tratamento é descrito por inúmeros autores com grandes semelhanças e retratado no cinema e na televisão desta forma, que é contada há mais de 1.500 anos. O ativista e escritor, Abdias Nascimento (1978, p. 57), afirma que “submeteram seus escravos africanos ao tratamento mais cruel que se possa imaginar”. Deformações físicas resultantes de excesso de trabalho pesado; aleijões corporais consequentes de punições e torturas, às vezes de efeito mortal para o escravo”. O que descreve a realidade da população negra do país naquela época, incluindo a violência e os abusos sofridos.

Com tudo isso, eles ainda lutaram por liberdade e dignidade organizando rebeliões, fugas e resistências diárias que muitas vezes lhes custavam a vida. Alguns conseguiram comprar sua liberdade ou ganhar a alforria através de serviços prestados aos escravocratas, mas a grande maioria precisou sobreviver até a abolição da escravatura ocorrida no ano de 1888. No total, foram mais de 350 anos de escravidão de negros e seus descendentes (CAVALCANTI, 2022) e esse seria apenas o início de muitas gerações de resistências.

2.1 A resistência pré e pós-escravidão

Desde o início da escravidão os africanos tentaram resistir de várias maneiras. Embora tenham sido severamente reprimidos, conseguiram obter sucesso em algumas ocasiões. A partir dessas exceções criaram-se os primeiros quilombos, comunidades formadas para contrapor e lutar por liberdade, que também eram uma maneira de escapar da opressão e da violência dos senhores da época, e iniciar a busca por autonomia. A formação e expansão desses territórios foram uma constante preocupação das autoridades coloniais e imperiais (MARINGONI, 2011). Em alguns casos, os quilombos foram reconhecidos como entidades autônomas pelas autoridades, enquanto em outros foram atacados com violência.

Essas comunidades eram criadas, principalmente, por escravos fugidos, mas também contavam com a participação de índios, mestiços, brancos pobres e outras pessoas que escapavam da opressão colonial (SILVA, 2022). Organizadas em torno de uma liderança forte, também contavam com sistemas de defesa e produção autônomos.

O Quilombo dos Palmares, no atual estado de Alagoas, foi um dos maiores e mais conhecidos quilombos do Brasil. Fundado no final do século XVI, ele abrigava cerca de 20 mil

¹ Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://brasilescola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.html&sa=D&source=docs&ust=1684856264042403&usq=AOvVaw2ZLjiNoLbMNtbluXIR-2LD>> Acesso em 21 mai. 2023.

peças e tornou-se um símbolo de resistência e luta pela liberdade. Zumbi dos Palmares, um dos líderes mais importantes do quilombo, foi morto em 1695 após uma longa batalha contra as tropas coloniais (SILVA, 2022). Segundo o site Mundo Educação², atualmente, os quilombos são reconhecidos como patrimônio cultural e histórico do Brasil.

Figura 1 - Quilombo dos Palmares hoje em dia



Fonte: Agência Brasil³

A partir da Lei Áurea, estabeleceu-se um marco histórico no Brasil, mesmo que contraditória, já que o acordo firmado pela princesa Isabel não incluiu direitos, compensação financeira ou reparação aos indivíduos que foram vítimas do sistema escravocrata. Isso resultou em uma situação de extrema precariedade para aqueles que, teoricamente, foram libertados, mas ainda eram forçados a sobreviver em condições desumanas. No entanto, ela não foi suficiente para garantir a igualdade racial e o fim do preconceito no país. Pelo contrário, a população negra continuou a enfrentar discriminação, exclusão e violência física e verbal, que afetam suas vidas até hoje. Em seu artigo *História - O destino dos negros após a Abolição*, Gilberto Maringoni (2011) detalha que:

A campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização

² Disponível em:

<https://www.google.com/url?q=https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombos.html&sa=D&source=docs&ust=1684856264062277&usg=AOvVaw0O663iovbaklwBiaOQm_cb> Acesso em: 22 mai. 2023.

³ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-11/regiao-do-quilombo-dos-palmares-se-tornara-patrimonio-cultural-do-mercosul>> Acesso em: 19 mai. 2023.

conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação (MARINGONI, 2011).

Ainda segundo o autor, os ex-escravizados encontravam-se sem moradia, trabalho ou assistência do Estado. Forçados a trabalhar em condições precárias e a enfrentar a hostilidade da população branca, que os via como inferiores e perigosos, o que tornava a transição para a vida em liberdade mais difícil.

Na falta de integração dos negros no mercado de trabalho e sem garantias básicas como alimentação, habitação e saúde, também houve a intensificação da urbanização e migração do povo para as áreas urbanas, constituindo o êxodo rural, em busca de trabalho. Segundo Magalhães (2010) eram nas áreas consideradas periféricas das cidades que essa população encontrava lugar para se estabelecer, geralmente em terrenos baldios ou em locais não ocupados pelas elites. Com o passar do tempo, esses espaços foram se transformando nas favelas e vilas, que seguem até hoje, caracterizadas por habitações precárias, falta de infraestrutura básica, pobreza e violência.

Apesar de não terem uma relação direta com os quilombos, as favelas também representaram uma forma de resistência e luta pela sobrevivência e autonomia por parte das populações mais pobres e marginalizadas do Brasil. Bem como a luta por moradia digna e acesso a serviços básicos nesses locais continuarem sendo umas das principais pautas dos movimentos sociais e das comunidades que ali habitam. De acordo com a 2ª edição do Estudo de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, realizado em 2022, pretos e pardos enfrentam maior insegurança de posse da moradia: 20,8% das pessoas pardas e 19,7% das pessoas pretas residentes em domicílios próprios não possuem a documentação da propriedade, enquanto a proporção entre as pessoas brancas é de 10,1%, praticamente a metade. Ainda sob análise do Instituto, as linhas de pobreza propostas pelo Banco Mundial indicam a maior vulnerabilidade das populações preta e parda. Em 2021, a taxa de pobreza dos brancos era de 18,6%. Já entre pretos o percentual foi de 34,5% e entre os pardos, 38,4%. Na linha da extrema pobreza, as taxas foram 5,0% para brancos, contra 9,0% dos pretos e 11,4% dos pardos.⁴

Sobre os retratos da violência, o Fórum de Segurança Pública atesta que, hoje em dia, de todos os homicídios ocorridos no país, somente em 2022, 72% foram de pessoas negras. Além disso, o índice de homicídio de pessoas negras cresceu 7,5% enquanto o de pessoas

⁴ Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>> Acesso em 11 abr. 2023.

brancas caiu 26,5%, o que exemplifica que, para o restante da população e do Estado, a população negra segue representando perigo, violência e pobreza.

O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a fragmentação, de divisão no contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, classificações de raças. O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e o que serão mortos. E que se entende que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição (ALMEIDA, 2019, p. 71).

Salvatti (2019) explica que, ao longo das décadas de 1970 e 1980, um movimento social e político foi consolidado por pessoas que se organizaram para lutar contra o racismo e exigir seus direitos. Esse movimento nasceu de uma longa história de opressão racial que afetou as comunidades negras em todo o mundo. As lutas contra a discriminação racial e a busca pela igualdade de oportunidades tornaram-se temas centrais do movimento negro. Essas pessoas trabalharam incansavelmente para garantir o acesso aos mesmos direitos e oportunidades que eram desfrutados pelas pessoas brancas, lutando contra o preconceito institucionalizado e a desigualdade estrutural em várias esferas da sociedade, incluindo emprego, educação, moradia e justiça. O Movimento Negro, portanto, desempenhou um papel crucial na luta pela justiça social e na promoção da igualdade racial em todo o mundo.

Um desses movimentos foi o surgimento de jornais e revistas dedicados à população negra, tornando-se um marco importante na história do movimento negro no Brasil (FAHS, 2019). Esses periódicos foram fundados por diversas associações, desde grupos carnavalescos até entidades literárias. O principal objetivo dessas publicações era promover discussões sobre a vida da população negra e destacar assuntos relevantes para a época. Entretanto, ao longo do tempo, esses veículos se tornaram importantes instrumentos de denúncia contra a discriminação e os atos de violência praticados contra os negros, bem como de suas dificuldades no período pós-escravagista e da desigualdade social entre negros e brancos.

Tal movimento teve grande expressividade na cidade de São Paulo, onde a reunião de todas essas publicações passou a ser conhecida como a Imprensa Negra Paulista. Além disso, nesse mesmo período, em 1931, foi fundada a Frente Negra Brasileira, que teve importante papel na organização da população negra na luta contra o racismo e na busca por igualdade de direitos e, mais tarde, veio a se transformar em um partido político com grande atuação até a

sua extinção, com os demais partidos na criação do Estado Novo em 1937. Todos esses movimentos tiveram um papel fundamental na luta contra a discriminação racial e na construção de uma identidade negra no Brasil.

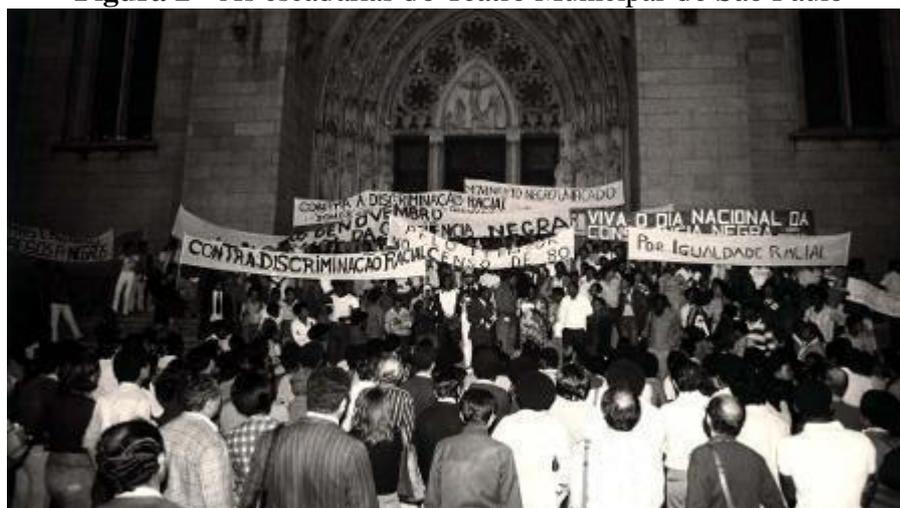
Alguns anos depois também surgiram diversos grupos com o objetivo de unir jovens negros e denunciar o preconceito racial no país. Esses grupos organizaram protestos e manifestações públicas de várias formas, chamando a atenção da população e do governo para o grave problema social de discriminação racial e de classe. Uma das manifestações mais emblemáticas foi realizada no Teatro Municipal de São Paulo, que resultou na formação do Movimento Negro Unificado⁵.

Esse movimento, também conhecido como MNU, para simplificar, foi criado em 1978 em resposta ao crescimento exponencial das manifestações racistas na cidade de São Paulo, que iniciaram ainda na época da escravidão e se mantiveram desde lá. Mas, na década de 70, os episódios discriminatórios ficaram ainda mais evidentes em espaços de uso comum, e três deles em específico foram responsáveis pelo movimento se tornar ainda mais relevante e conseguir mais adeptos com o intuito de garantir a “defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais”, foram eles: quatro jovens negros foram impedidos de usar a piscina do Clube de Regatas Tietê, em São Paulo; em Guaianases, zona leste da capital paulista, houve o segundo episódio, a prisão de Robson Silveira, acusado de ter furtado bananas de um feirante na volta para casa; e, na mesma cidade, um trabalhador negro, Nilton Lourenço, foi assassinado pela polícia no bairro da Lapa.

O principal marco conhecido do movimento, conforme já foi mencionado, aconteceu nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, onde mais de duas mil pessoas e organizações importantes como o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, o Centro de Estudos Brasil África, a Escola de Samba Quilombos e o Núcleo Negro Socialista se uniram em uma manifestação que ocorria em plena vigência do AI-5 na ditadura militar. Mas, além deste dia, esses jovens construíram e lutaram pelo seu espaço em ambientes públicos que acabaram servindo como espaços de convivência compartilhada pela população negra, como o teatro, o hip hop e alguns pontuais núcleos jornalísticos, e que atendiam a emergente necessidade da criação de ambientes culturais e sociais em meio à cidade para que o movimento antirracista tivesse espaço no estado de São Paulo e também no restante do país.

⁵ Disponível em: <<https://www.politize.com.br/movimento-negro/&sa=D&source=docs&ust=1684856264068781&usq=AOvVaw03L2Yukx6TF5-yCDz3jlo4>>
Acesso em: 23 mai. 2023.

Figura 2 - As escadarias do Teatro Municipal de São Paulo



Fonte: Ecoa UOL ⁶

Anos mais tarde, em 1995, a Marcha Zumbi realizada em Brasília, contou com a presença de 30 mil pessoas e despertou a necessidade de políticas públicas destinadas aos negros como forma compensatória e de inclusão nos campos socioeducativos. Como resultado, o presidente Fernando Henrique Cardoso instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra por meio de um decreto publicado⁷ em 20 de novembro do mesmo ano, com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da População Negra, além de dar outras providências.

O escritor Silvio Almeida (2019, p. 91), que inclusive hoje ocupa o cargo de Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania no Brasil, identifica que “a experiência política e intelectual dos movimentos sociais serviu para inspirar práticas políticas e pedagógicas inovadoras que contestaram firmemente os fundamentos do racismo.” Ou seja, os movimentos estudantis e sociais contra o racismo organizados em todo o Brasil serviram diretamente como responsáveis para grandes mudanças que, mesmo que ainda não tenham o combatido em sua totalidade, aconteceram nas últimas décadas e ajudaram a edificar uma luta consistente contra a discriminação e o punitivismo da população negra.

No entanto, apesar de três décadas de lutas consistentes, somente após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância ocorrida em 2001, foi que o governo brasileiro passou a ter interesse em demonstrar, efetivamente, o cumprimento de resoluções determinadas internacionalmente pelos

⁶ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/07/07/ha-43-anos-mnu-nascia-para-unificar-a-luta-contr-o-racismo-no-brasil.htm>> Acesso em: 21 mai. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/DNN/Anterior_a_2000/1995/Dnn3531.htm> Acesso em: 21 mai. 2023.

órgãos de Direitos Humanos (FAHS, 2019). A partir desse momento, foram criados programas de cotas raciais, iniciativas estaduais e municipais, além da criação, em 2003, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR), que tinha o objetivo de formular e coordenar políticas e ações afirmativas de combate à discriminação racial e promoção da igualdade de oportunidades para a população negra.

Nos dias atuais, principalmente com as mídias sociais, a luta racial saiu um pouco das ruas e tomou inúmeras bolhas de redes sociais, o que contribui para que a luta antirracista esteja sempre sendo colocada em pauta com maior facilidade, mas também evidencia o quanto ainda há muito pelo que se fazer contra o preconceito que, mesmo muitos anos depois do período escravocrata, segue sendo parte da estrutura da sociedade atual.

2.2 Racismo estrutural

Uma sociedade é feita da combinação de inúmeras esferas, organizações de poder e na construção de costumes e crenças que baseiam toda essa estrutura. Para o professor e filantropo, Rafael Silva⁸, o racismo faz parte de um pouco de cada uma das esferas dessa estrutura:

Ele é a regra e perpassa todo o inconsciente coletivo: é possível observá-lo nas relações pessoais, nas políticas públicas, nas desigualdades econômicas etc. Essa onipresença é o que eu chamo de racismo estrutural, a vida ‘normal’ e cotidiana em todos os seus sentidos é atravessada pela questão racial (SILVA, 2023).

Abdias Nascimento (1978) identificou que o papel do negro como escravo estruturou a base econômica do Brasil. Segundo ele, sem os escravos a estrutura econômica do país jamais teria existido. “O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade [...] com a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia” (NASCIMENTO, 1978, p.49).

Todos os fatores citados durante este trabalho levaram à formação do que é conhecido hoje como racismo estrutural. A prática, ou a falta das mesmas, por parte das instituições sociais, acabam perpetuando a desigualdade racial na sociedade desde a abolição. Diferente do racismo individual, que se baseia em preconceitos pessoais, o racismo estrutural se trata de um fenômeno sistêmico que atua em nível coletivo e institucional na sociedade. Uma das principais características do racismo estrutural é a invisibilidade, ou seja, muitas vezes ele atua de forma

⁸ Disponível em: <<https://confluentes.org.br/2021/12/13/eusouconfluyente-rafael-silva/>> Acesso em: 20 mai. 2023.

sutil e implícita, tornando-se difícil de ser identificado (ALMEIDA, 2019). Isso acontece porque está incorporado nas instituições, práticas e discursos sociais, e não é reconhecido como um problema que precisa ser enfrentado.

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional (ALMEIDA, 2019, p. 31).

E o racismo estrutural mantém-se ao longo do tempo através dessa hierarquia ideológica de um grupo sobre o outro, mesmo após mudanças políticas e sociais significativas, por ser fruto de toda uma história de mais de 300 anos de exclusão e marginalização dos negros. Humberto Bersani⁹, doutor em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo (USP), em sua pesquisa, afirma que a discriminação racial não foi meramente executada e, sim, houve um pensamento estratégico para que ela fosse praticada a ponto de ser quase imperceptível na estrutura social:

A discriminação racial constituiu estratégia apropriada pelas classes dominantes desde a época do escravismo e, embora não se tenha admitido de forma explícita o racismo atrelado às instituições, não se pode afastar tal premissa, uma vez que se pretende colaborar, na presente pesquisa, com a noção de racismo estrutural, que transcende as instituições, passando inclusive por elas (BERSANI, 2018, p. 184).

Com esta consideração, o autor ratifica que mesmo com ações afirmativas das instituições em prol da luta contra o racismo, ele fora tão enraizado na construção temporal, que consegue até mesmo passar por elas, ultrapassando muitas vezes sua real vontade e ficando refém da administração deste problema social, pelas classes, desde sempre, mais dominantes.

Segundo Silvio Almeida (2020), a sociedade compreende o racismo de forma reducionista e, muitas vezes, transformando-o em um problema de classe, limitando-o a situações nas quais uma pessoa negra é barrada em um clube, impedida de usar o elevador principal, alvo de revista ao sair de uma loja ou insultada com termos depreciativos relacionados à sua cor de pele. Esses casos são formas de racismo, e podem resultar em sanções perante à

⁹ Doutor em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP.

lei, mas a discriminação racial vai muito além desses acontecimentos, e é isso que o conceito de racismo estrutural permite interpretar.

Um exemplo de negação é mencionado pelo advogado e sociólogo José Vicente, também reitor na Faculdade Zumbi dos Palmares e diretor da Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sociocultural (Afrobrás). Ele destaca um comportamento paradoxal da população brasileira: a intensa revolta expressa nas mídias sociais e até mesmo em protestos de rua quando os atos de racismo são direcionados a pessoas de fora do país.

Esse comportamento parece paradoxal porque, segundo Vicente, diariamente, os brasileiros assistem na TV e nos jornais a crimes cometidos em seu próprio país, tão racistas e cruéis quanto os que ocorrem nos Estados Unidos, mas não reagem com a mesma comoção - e se reagem.¹⁰

Além dos casos que podem ser acompanhados nos últimos anos, o racismo estrutural se manifesta de diversas formas por meio de instituições e práticas sociais, como o sistema de justiça criminal, o mercado de trabalho, a mídia e a educação, que acabam mantendo e reproduzindo a desigualdade racial.

Um episódio que aconteceu no Rio Grande do Sul e repercutiu no Brasil inteiro foi a situação vivida em um show do cantor Seu Jorge no Estado. Seu Jorge se apresentou no Grêmio Náutico União, tradicional clube de Porto Alegre, no dia 14 de outubro de 2022.

Na ocasião, o cantor foi chamado de “macaco”, além de pessoas da plateia imitarem o som do animal. Após o show ele prestou depoimento à Polícia Civil do Estado¹¹ e gravou um vídeo para as mídias sociais, reiterando o quanto gostava da capital gaúcha e, ao mesmo tempo, estava surpreso com a recepção negativa, pois já havia visitado em outras épocas e nunca fora hostilizado dessa forma. Mesmo não sendo maioria, esse tipo de racismo enraizado, transcende opiniões individuais e tem o poder de se tornar coletiva. Bersani explica que ele “transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas” (BERSANI, 2018, p. 193).

Além de ser utilizado quase que de forma inconsciente, devido ao tanto que é comum, ainda existem outros tipos de deslegitimação da pauta do racismo, que é quando tenta-se defendê-lo usando de argumento que o contrário também acontece.

¹⁰ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>. Acesso em: 01 mai. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-conclui-que-seu-jorge-foi-alvo-de-racismo-no-rs-mas-nao-identifica-autores/>. Acesso em: 02 maio 2023.

2.3 O racismo reverso e a deslegitimação da pauta

Com todas as lutas diárias enfrentadas pelos negros desde a abolição até os dias de hoje, devido ao racismo estrutural, ainda existe o desafio de lidar com iniciativas surgidas para fins de banalização e descredibilização da luta pela igualdade racial.

O racismo reverso, conforme citado por alguns autores, como Silvio Almeida (2019), é o termo utilizado para descrever uma suposta discriminação de grupos minoritários em relação aos grupos majoritários. Ainda que muitos tenham construído a sua relevância e conquistado os seus espaços, a população negra ainda é minoria nos principais cargos de poder econômico e político. Segundo dados do IBGE¹², os negros são a maioria na população brasileira, números que contradizem a ideia de que sejam a minoria em espaços de representatividade.

O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. Por isso, é absolutamente sem sentido a ideia de racismo reverso (ALMEIDA, 2019, p. 35).

O autor ainda complementa que pessoas que fazem parte de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosas ou praticar discriminação, “mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente.” (ALMEIDA, 2019, p. 35). O que o ele compreende é que, mesmo que haja discriminação ou preconceito por parte da população negra, ainda assim ela não teria o poder de afetar a dignidade de outros grupos, por eles naturalmente já possuírem maior poder de influência.

Dito isto, o termo “racismo” acaba muitas vezes sendo usado de maneira equivocada e serve como uma tática para silenciar as vozes que clamam por igualdade racial e desviar a atenção das questões reais de discriminação racial. Ao invés disso, a sociedade brasileira, de forma geral, defende a necessidade de uma abordagem mais ampla e crítica sobre essas questões, que leve em consideração a complexidade e nuances do racismo e da opressão. E, enquanto grupos minoritários podem ter atitudes preconceituosas e discriminatórias em relação a membros de outras raças, eles não possuem o poder social, econômico e político para impor desvantagens estruturais às pessoas brancas. Nesse sentido, é importante distinguir entre racismo individual e racismo estrutural (CÂNDIDO, 2022).

¹² ECYCLE. **Racismo reverso: o que é, mito ou verdade?**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/racismo-reverso/>. Acesso em: 02 maio 2023.

Embora seja preciso muito para evoluir em questões de conscientização e quebra de estruturas do racismo no Brasil, atos que contenham racismo já são considerados crime pela Constituição Federal e pelo Código Penal hoje em dia, independentemente da circunstância e motivação (XAVIER, 2023). A Constituição prevê o crime de racismo, que não pode ser anulado e nem ter fiança estabelecida, o qual consiste na recusa de tratamento igualitário com base na raça, como quando uma empresa não permite o acesso de um cliente negro ou um empregador não contrata um candidato por causa da cor da sua pele, por exemplo.

Por outro lado, a injúria racial é uma forma de ofensa verbal que atinge a honra de uma pessoa usando elementos relacionados à cor ou à raça, como o exemplo trazido anteriormente quando o cantor Seu Jorge foi alvo de falas racistas por parte do público em seu show. Essa prática, antigamente, tinha penalidade própria, sem ser considerada um crime de racismo. Mas, desde janeiro de 2023, esse tipo de assédio foi equiparado ao de racismo, havendo um aumento da pena que agora é de 2 a 5 anos de prisão, podendo ser dobrada se o crime for cometido por duas ou mais pessoas. Antes, era de 1 a 3 anos.

Apesar das diferenças, é importante destacar que tanto o ato de racismo quanto a injúria racial são crimes. Ambas as formas de discriminação têm efeitos graves na vida das pessoas que as sofrem. Segundo um levantamento¹³ realizado pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, o crime de racismo pode causar doenças psicológicas como ansiedade e depressão em quem sofre, o que resulta em dificuldades de acesso a emprego e serviços, entre outros problemas.

Avaliando o momento atual, ainda existe o fator catalisador, que são as agressões que nem sempre ocorrem pessoalmente, mas através das mídias sociais que, com suas comunicações horizontais, na qual todos comunicam para todos podendo potencializar as vozes antirracistas, ou propagar ainda mais as injúrias raciais e discriminação através de perfis públicos e privados que não necessariamente identificam os autores desses crimes.

¹³ Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-aco-es/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/racismo-e-saude-emocional-como-o-trauma-afeta-as-vitimas>> Acesso em: 22 mai. 2023.

3 A MÍDIA E O SEU PAPEL NA PERPETUAÇÃO DO RACISMO

No presente capítulo são discutidas quais são as principais funções da mídia na questão da perpetuação do racismo, o quanto ela influencia a pauta antirracista, em quais momentos atrapalha e quais foram os principais estereótipos televisionados dentro e fora do jornalismo que fortalecem a imagem da população brasileira referente ao negro.

“Mídias (televisão) refletem representações sociais geradas por instituições vigentes” (SODRÉ, 1992, p. 39). O conceito de mídia, criado pelo intelectual Marshall McLuhan (1966), define-a como "uma extensão de nós mesmos", enfatizando a importância da mídia como uma ferramenta confiável além de uma forma de expressão artística. McLuhan (1966) também classifica que elas possuem o poder de acelerar ou simplificar processos existentes. Antes de tudo, a análise do conceito de hegemonia é fundamental para compreender o discurso midiático no contexto em que irá se referir, pois ele ajudará a identificar as relações de poder e a influência da mídia na formação de opiniões e valores da sociedade.

A hegemonia refere-se ao domínio de um grupo social sobre outros grupos, seja por meio de coerção, consenso e manipulação ideológica (PEREIRA, 2021). Na sociedade contemporânea, a mídia exerce um papel importante na construção da hegemonia, ao influenciar a forma como as pessoas pensam e percebem a realidade

Em uma análise dos discursos em determinado tipo de mídia, é importante identificar os valores e intencionalidades por trás da mensagem, se estão em conformidade com o interesse público ou se representam somente um grupo específico. Através da análise de Azevedo e Nohara (2008), o racismo no Brasil se manifesta nos meios de comunicação de maneira similar à sua presença na sociedade brasileira: de forma dissimulada. O baixo número de ou, até mesma, ausência de representação dos negros na mídia, ou a distorção de suas imagens, é resultado do racismo enraizado na própria sociedade, contribuindo para mecanismos de exclusão social.

No espaço entre o âmbito individual e o social, segundo Tuzzo e Menezes (2013), essas representações absorvem e incorporam conteúdos reais e imaginários relacionados à vida cotidiana. A sociedade, que está imersa na mídia, interpreta os discursos do senso comum através dessas representações, que por sua vez são influenciadas pela dinâmica do mercado e assimiladas pelo público. Essa forma discursiva não se limita apenas à comunicação, mas também fortalece a representação estabelecida em sociedade.

Sodré (1992) explica que os meios de comunicação e as tecnologias da informação se colocam na sociedade contemporânea como o centro da produção do real. Dessa forma, a informação seria uma maneira de organização desse espaço social que ele se refere. Isso,

segundo o escritor, implica uma “dissolução da socialidade tradicional, hibridação das formas convenientes e montagem de novos dispositivos de controle” (SODRÉ, 1992, p. 80), ou seja, a mídia molda o que quer que o espectador acredite ser real, mesmo que para isso tenha que haver uma anulação da verdade.

3.1 Televisão e sua influência

No Brasil a televisão teve o rádio como mídia precursora e também como referência de conteúdos. Com sua primeira transmissão em 1920 no país, ele foi tratado como novidade, e trouxe a originalidade da comunicação facilitada no mundo todo, mas, também, dava início ali à pulverização de tendências de moda sem limitações geográficas, além de trazer hábitos para a rotina dos ouvintes, consolidar gêneros de programas que fizeram sucesso na época e que davam espaço para o imaginário. Entre 1940 e 1950 o público elegeu-o como atração, sendo estes considerados os "anos dourados do rádio". Durante este período, as radionovelas ocupavam um lugar de destaque, afirma Calabre (2002).

Na época, o rádio tornou-se o meio de comunicação mais utilizado, ultrapassando o jornal impresso, sendo considerado o veículo mais efetivo como meio de informação à população, tudo isso pela possibilidade de atualização em tempo real, tornando-se a principal fonte de informação entre as pessoas até o século XIX (AMORIM; CAMARGO, 2010).

Em 1950, os espectadores acostumados com as radionovelas, tiveram a oportunidade de terem aparelhos de televisão em suas casas. Apesar de ser considerada um artigo de luxo, o que tornava difícil o acesso do aparelho ao público em geral e, principalmente, para a população das periferias, a experiência de ter uma televisão já era sentida mesmo sem conhecimento. Pois na época das radionovelas, a população que possuía condições financeiras de possuir um rádio, e futuramente a sua televisão, já costumava imaginar como seriam as cenas, chamando-as de imaginação televisual. Barbosa (2013, p. 264) ainda exemplifica esse comportamento definindo que "a televisão já nasce dependente da imaginação comunicacional do público e como utopia midiática". Ainda, Jambeiro (2002, p. 53) complementa que:

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial.

Nos primeiros anos, a televisão brasileira não tinha um formato de programação específico, o que era considerado uma verdadeira caixa de surpresas para o público, que descobria o que iria assistir sempre ao vivo. A primeira telenovela, “Sua Vida me Pertence” foi o pontapé inicial para que vários acontecimentos do entretenimento e programação pontuados por Mattos (2002), fossem acolhidos pelo público da televisão no país.

Geralmente implementando novidades em meio a essas, e as próximas, telenovelas, as atrações marcaram uma busca constante para estabelecer um modelo de entretenimento, Cristina Brandão (2008) comenta que o foco era se tornar um tipo de referência, assim como o cinema, levando o privilégio para os canais, mas que naquela época ainda engatinhava.

Em primeiro de abril de 1952, foi ao ar o primeiro e mais famoso telejornal da televisão brasileira, o "Repórter Esso". O produto jornalístico manteve-se no ar até o dia 31 de dezembro de 1970. Mesmo baseado no modelo de um grande sucesso do rádio, mantinha as suas próprias características:

O "Repórter Esso" ia ao ar com informações produzidas e controladas por uma agência de publicidade, a quem competia fazer todo o tipo de observação em relação ao programa. Tido como um marco do telejornalismo brasileiro, sua experiência vitoriosa foi repetida em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand. Vale ressaltar que o telejornalismo foi implantado na televisão brasileira, dois dias após a inauguração da primeira emissora. (MATTOS, 2002, p. 85).

Com uma boa estruturação dramaturgica, com o objetivo do entretenimento, e a implementação de telejornais, surgiu a necessidade de pensar em novos formatos para prender a atenção do público que já estava acostumado com as novelas. Foi então que em 1957, estreou o primeiro programa de auditório, caracterizado com a presença de uma plateia que assiste aos programas ao vivo e interage com aplausos, risadas e demais características (SILVA, 2005).

3.1.1 O negro nas telenovelas

Com o novo aparelho, as telenovelas e o entretenimento no gosto dos brasileiros, o grupo Globo, que consolidou-se como o principal grupo de mídia da América Latina, também é referência como emissora líder no país no que refere-se a jornalismo e entretenimento. Mesmo com tamanha responsabilidade, o veículo ainda deixa a desejar quando trata-se da oportunidade dada aos artistas negros nas suas produções.

Nos últimos anos, Taís Araújo e Camila Pitanga, ficaram marcadas como as principais representantes negras, as duas seguiram um certo revezamento entre as tramas. A mudança ocorreu somente a partir da segunda metade do ano de 2022, conforme mostra a tabela abaixo:

Figura 3 - tabela de revezamento atrizes novelas Globo

Atriz	Novela
Ruth de Souza	A Cabana do Pai Tomás (1969)
Taís Araújo	Da Cor do Pecado (2004)
Camila Pitanga	Cama de Gato (2009)
Taís Araújo	Viver a Vida (2009)
Camila Pitanga	Lado a Lado (2012)
Taís Araújo	Cheias de Charme (2012)
Camila Pitanga	Babilônia (2015)
Camila Pitanga	Velho Chico (2016)
Dira Paes	Verão 90 (2019)
Taís Araújo	Amor de Mãe (2019)
Dira Paes	Pantanal (2022)
Taís Araújo	Cara e Coragem (2022)
Lucy Alves	Travessia (2022)
Mariana Nunes	Todas as Flores (2022)

Fonte: TagRevista¹⁴

E como se não bastasse, as produções envolvem uma problemática: os estereótipos atribuídos aos personagens. A emissora foi criticada pelo Movimento Negro por reforçar ainda mais o racismo estrutural no país.

A representação em blackface do ator branco Sérgio Cardoso na novela "A Cabana do Pai Tomás" (1969) foi um dos motivos. Durante a trama ele interpretou mais de dois personagens, sendo um deles retratado com o rosto pintado de carvão e alterações no nariz e na

¹⁴ Disponível em: < <https://www.tagrevista.com/post/negritude-protagonista-novelas-brasileiras-e-o-%C3%A1rduo-caminho-pela-representatividade> > Acesso em: 13 de jun. 2023

boca. A decisão de escalar um ator branco para esse papel foi imposta pelos patrocinadores da época, a empresa Colgate-Palmolive, que buscavam evitar associações de seus produtos com pessoas negras (DOMINGOS, 2022).

Xica da Silva, uma novela de 1996 escrita por Walcyr Carrasco, retratou a história de uma mulher negra escravizada que se tornou rainha. No entanto, um dos aspectos mais explorados na trama é a objetificação do seu corpo, com destaque para a sua sensualidade. Xica é uma personagem que desperta o desejo de muitos homens (XAVIER, 2020). Outro caso parecido mas que trata do mesmo estereótipo é o papel interpretado por Lázaro Ramos em “Insensato Coração” (2011), ele era um galã que namorava muitas mulheres sem nenhum tipo de demonstração de afeto e compromisso, trazendo a sexualização como ponto principal.

Sua esposa fora das telinhas, Taís Araújo, estrelou a novela “Viver a Vida” em 2009 como a primeira Helena negra do autor Manoel Carlos, que foi muito criticado pela forma em que a personagem estava sendo conduzida na trama, de maneira frágil e submissa mesmo após ser agredida (DOMINGOS, 2022).

A população em geral continua consumindo a televisão, principalmente a aberta. Segundo a pesquisa realizada em 2022 pela Kantar IBOPE¹⁵, de todos os dispositivos examinados, como televisores - tanto conectados quanto não conectados -, smartphones, tablets e computadores, constatou-se que 78,7% do tempo de consumo doméstico foi dedicado à televisão (incluindo TV aberta e TV por assinatura), enquanto 21,3% foi para plataformas online. As TVs convencionais e as TVs conectadas foram as preferidas pelo público, representando 90,4% do tempo total consumido.

Apesar de todos os esforços e avanços em prol da redução da desigualdade racial, pode-se entender com os exemplos citados anteriormente, seja pelo estereótipo ou mesmo pela invisibilidade da população negra, que a televisão acaba por reforçar essa desproporcionalidade estrutural. Seu poder de alcance, capacidade de transmitir imagens em movimento e combinar áudio e vídeo ainda a tornam uma das principais ferramentas influentes na formação de opinião pública, na disseminação de informações e na criação de narrativas culturais:

A TV ocupa um papel marcante no cenário midiático nacional, com reflexos no contexto social, sobretudo ao considerarmos seu alcance e capacidade de influência. Ao estabelecer um fluxo de informação ou comunicação com diferentes públicos, a televisão constrói e reproduz diferentes discursos sem neutralidade. Portanto, é um meio com potencial 31 de persuadir e influenciar o comportamento dos telespectadores, propagando ou reforçando modelos e

¹⁵ Disponível em: < <https://kantaribopemedia.com/conteudo/conteudo-em-video-alcanca-996-dos-brasileiros/> > Acesso em: 13 de jun. 2023

perspectivas que ultrapassam a tela e chegam ao contexto social (SILVA, 2017, p. 30).

O sociólogo Bourdieu (1997) aponta que os perigos da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem o poder de produzir o efeito do real, ou seja, a pode tornar-se mais convincente do que apenas o áudio na influência da opinião.

Dominique Wolton (1996, p.16) discorre sobre a importância social e política da televisão no contexto social, para ele “a televisão é um formidável instrumento de comunicação entre indivíduos. O mais importante não é o que se vê, mas o que se fala sobre isso”. Ao tratar de mídia e racismo, Silvia Almada (2012), argumenta que, embora sejam concessões públicas, é importante lembrar que os meios de comunicação no Brasil são administrados como bens patrimoniais de natureza familiar. Considerando que:

São gerenciados por elites descendentes dos grupos sociais que, no passado histórico do país, sempre gozaram de privilégios (inclusive o de formular e legitimar enunciados sobre o Outro e de difundi-los nos espaços de afirmação dos discursos sociais, a literatura científica e ficcional, entre eles) e que perpetuam, agora, através de aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados, mitos e estereótipos ainda fortemente presentes no imaginário coletivo (ALMADA, 2012, p. 26).

Embora exista uma maior presença de pessoas negras na televisão em relação aos anos anteriores, essa dinâmica ainda está ativa na produção e transmissão de conteúdo audiovisual na televisão aberta, sendo aceita como algo comum tanto pelas emissoras quanto pelo público, sem ser questionada de forma mais aprofundada, conforme enfatiza Silva (2017). Flávia Oliveira, Thiago Oliveira, Aline Midlej, Lilian Ribeiro e Maju Coutinho, profissional que se tornou um fenômeno de popularidade como responsável pela previsão do tempo do principal telejornal do país, o Jornal Nacional, e hoje é uma das âncoras da famosa revista eletrônica da TV Globo - o Fantástico. Todos esses ainda são exceções em um âmbito majoritariamente branco. Durante a conferência do Latinidades - Festival da Mulher Afro Latino Americana Caribenha, que ocorreu em julho de 2014, em Brasília, a filósofa e ativista norte-americana Angela Davis observou:

Sempre que venho ao Brasil, assisto à TV para ver como o país se representa. Pela TV brasileira, nunca seria possível imaginar que sua população é majoritariamente negra. (...) Não posso falar com autoridade no Brasil, mas às vezes não é preciso ser especialista para perceber que alguma coisa está errada se a cara pública deste país, majoritariamente negro, é branca (DAVIS, 2014, *apud*. NODEOITO, 2016).

Silva (2017, p. 5) argumenta que “se torna evidente que a representatividade e diversidade humana na programação da televisão, no que diz respeito à diversidade étnica e racial, ainda está distante dos ideais de isonomia e proporcionalidade”, seja por falta de espaço ou de visibilidade. De acordo com Silva e Rosemberg (2008), a mídia atua diretamente na sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico, enquanto produz e veicula discursos que naturalizam a superioridade branca e discriminam os negros.

No entanto, a questão do racismo na televisão não se limita à porcentagem de negros que nela se destacam. Para Francisco (2020), ainda é preciso trabalhar na cultura das empresas de comunicação do país, promovendo alterações nos processos seletivos e repensando a estratégia do vídeo.

3.2 O negro na mídia: a dificuldade do acesso ao ensino superior

Segundo dados do Relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro¹⁶, realizado em 2012, as mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos, compõem a maioria dos jornalistas brasileiros. O levantamento ouviu 2.731 profissionais, entre 25 de setembro e 18 de novembro daquele ano. Entre eles, nove em cada dez eram diplomados, sendo a maioria de instituições de ensino privado. No total, 98% dos profissionais que atuavam em segmentos de mídia, fora da mídia e na docência tinham formação superior, e o recorte racial aparece apenas na autodeclaração dos profissionais. Nele, pardos são 18% e pretos somam 5%. Enquanto brancos representavam 72% dos jornalistas na época.

Em pesquisa feita em 2021, com 7 mil profissionais, o Relatório constatou uma evolução. A presença de pessoas negras entre jornalistas no Brasil cresceu de 23% para 30%, um reflexo das políticas de ação afirmativa no acesso ao ensino superior. Um avanço, mas ainda assim proporcionalmente baixo, comparado ao fato de representarem mais da metade da população brasileira.

O presidente da Comissão da Verdade da Escravidão Negra da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e advogado, Humberto Adami, comentou em entrevista que o racismo também se manifesta de formas que podem ser menos gritantes, e que elas produzem efeitos

¹⁶ Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/sai-o-relatorio-final-da-pesquisa-perfil-do-jornalista-brasileiro-2021/>> Acesso em: 21 mai. 2023.

mais devastadores na vida da pessoa negra. Sendo assim, consegue-se entender que há um ciclo no que envolve o silêncio racista até as manifestações mais duras e escancaradas (WESTIN, 2020).

O pesquisador e jornalista Wagner Machado da Silva (2023), através do seu artigo A (in)visibilidade dos negros na docência, que trata sobre o levantamento feito em sua tese de doutorado, examina e questiona a baixa representatividade de professores e alunos negros nos programas de pós-graduação em Comunicação do Rio Grande do Sul. Segundo ele, se uma sociedade é racista, também a sua mídia, a sua universidade, a sua polícia, os seus tribunais e etc. também serão. E ainda complementa:

De qualquer forma, seja pelo motivo que for, ao não dar visibilidade à verdadeira composição racial brasileira e reforçar estereótipos que limitam pessoas negras a um espectro de características negativas, a mídia acaba fortalecendo o aumento da invisibilidade dessa parcela da população (SILVA, 2023, p. 99).

O autor ainda cita que a ausência de modelos e referências negras nos corpos docente e discente pode desestimular os jovens negros a buscarem a educação superior, além de dificultar sua identificação e senso de pertencimento no ambiente acadêmico. A causa do baixo número de negros nas universidades também envolve uma série de outros fatores interligados que contribuem para essa situação, alguns deles já citados neste trabalho anteriormente. Um dos principais é a desigualdade socioeconômica, que afeta a trajetória educacional de jovens e adolescentes. As condições precárias dificultam o acesso a recursos educacionais, como materiais didáticos, transporte e locomoção.

Segundo a análise feita pelo Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS) sobre o abandono escolar, em 2019 a taxa de abandono no ensino médio na rede privada estava abaixo de 1%, enquanto na rede estadual era de cerca de 5,5%. Essa realidade revela uma clara desvantagem para os jovens de origem socioeconômica mais baixa em termos de acesso à informação e até mesmo em relação à produtividade.

Enquanto isso, os filhos das famílias mais ricas têm maior disponibilidade de recursos. No que diz respeito ao indicador 'tipo de conexão à Internet no domicílio', mais da metade (55%) dos jovens provenientes de famílias com baixa instrução não têm acesso à internet em suas residências. Em contrapartida, praticamente nove em cada dez (89,4%) jovens com pais que possuem formação universitária completa ou superior têm conexão de banda larga em suas casas.

Outro aspecto importante é a falta de políticas de ação afirmativa efetivas, que garantam

o acesso e a permanência de estudantes negros nas universidades. Ações como cotas raciais e programas de inclusão socioeconômica têm o potencial de reduzir as desigualdades e aumentar a representatividade dos negros nesse âmbito mas, ao invés de discussões sobre a continuidade e expansão das cotas, em 2022, ao completar 10 anos da sanção da Lei de Cotas, que estabelece reserva de vagas nas universidades e institutos federais de ensino superior, o Congresso discutia a retirada do critério racial da Lei de Cotas.

O que foi considerado por muitos deputados a favor da Lei de Cotas um retrocesso, visto que desde 2013 até 2019, a variação percentual de estudantes vindos de escolas públicas, pretos, pardos, indígenas e de baixa renda teve aumento de 205%.¹⁷

Com isso, entende-se que o cenário progrediu em pouco mais de 10 anos, mas ainda existem ameaças do próprio Estado para que as universidades e cursos superiores sejam um espaço, também, para vagas afirmativas para negros e pardos, o que contribui para a instabilidade do mercado em inserir essas pessoas em seus programas de cotas para empresas, já que solicitam que estes estejam qualificados para os cargos.

3.3 Telejornalismo e entretenimento: a perpetuação dos estereótipos

Desde as primeiras mídias impressas, através dos jornais, até os programas de rádio e, posteriormente, na televisão, criou-se um espiral de comportamento estruturado que, mesmo que inconscientemente por parte do público, transmitia ideais e arquétipos de personagens que perduraram, e perduram, há décadas entre o entretenimento e o telejornalismo.

Nos jornais, por exemplo, era comum encontrar representações racistas, caricaturas e linguagem depreciativa em relação às pessoas negras. Essas representações reforçavam a associação dos negros à violência e à subalternidade social. Além disso, até os dias de hoje, os veículos de comunicação retratam uma visão eurocêntrica e branca da sociedade, marginalizando a cultura e a história afro-brasileira. Limitando-os a papéis estereotipados e caricatos.

¹⁷ Os dados são da pesquisa “*Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros*”. O estudo foi desenvolvido de março de 2021 a junho de 2022 pelo Lepes (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior) da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e pela Ação Educativa. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/educacao/ingresso-de-negros-em-universidades-aumenta-205-com-lei-de-cotas/>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Segundo o sociólogo Luiz Antônio Guerra (2022), o estereótipo é um conjunto de características vinculado aos indivíduos de um determinado grupo social. Contribuindo para uma generalização e simplificação que associa atributos gerais às características coletivas, tais como idade, raça, sexo, orientação sexual, ocupação, nacionalidade, região de origem, preferências musicais, comportamentos, entre outros. Os estereótipos também atuam como modelos que presumem e impõem padrões sociais esperados para um indivíduo pertencente a uma determinada comunidade (GUERRA, 2022). Personagens negros eram frequentemente trazidos como bobos, ingênuos ou subservientes, confiantes para a perpetuação de preconceitos raciais. Essas representações depreciativas enfatizavam a superioridade racial (SILVA, 2017).

[...] quando um sistema de estereótipos está bem fixado, nossa atenção é chamada para aqueles fatos que o apoiam, nos afastando daqueles que o contradizem. [...] O que é estranho será rejeitado, o que é diferente cairá em olhos cegos. Não vemos o que nossos olhos não estão acostumados a levar em conta (LIPPMANN, 2008, p. 60).

Com a chegada da televisão, o racismo encontrou um novo meio de reprodução. As primeiras produções televisivas brasileiras, como programas de humor e as novelas citadas anteriormente, muitas vezes apresentaram personagens negros em papéis secundários e subservientes. Eles eram frequentemente retratados como empregados domésticos, bandidos ou pessoas de baixo status socioeconômico, confiantes para a continuação de estereótipos e a naturalização da descrição racial. O que contribuiu para a invisibilidade e a marginalização da população negra, reforçando as desigualdades sociais (CALEIRO, 2020). Fortalecendo a ideia de que não eram, ou não são iguais aos brancos em termos de status social, intelectual e cultural, reforçando a hierarquia racial estabelecida durante o período da escravidão. Sodré traduz esse movimento:

A montagem dos meios de comunicação contribuiu para reforçar estereótipos presentes na memória coletiva da sociedade. São novos tipos de discriminação que se superpõem às formas tradicionais de exclusão social, geralmente abarcadas no termo racismo. Por isso, ainda que fortemente individualizada, a consciência racista opera com representações comuns a um certo grupo, que se experimenta como “comunidade”, no sentido originário de agregação humana constituída por laços de sangue, religiosos, profissionais, territoriais. Para tal consciência, haveria uma comunidade “europeia” autopercebida a partir de parâmetros simbólicos... territoriais e tecnológicos [...]. A cor da pele é o critério imediato da percepção; e o racismo, um suposto saber imediato sobre o outro, por sua vez oposto imaginariamente a um fetiche de

homogeneidade construído pela também suposta comunidade étniconacional (SODRÉ, 1992, p. 119).

Ou seja, além de majoritariamente não serem cotados para papéis de protagonismo, ainda são, desde que passaram a ser inseridos na dramaturgia, como se fossem os opositores aos principais, criando um novo tipo de racismo velado, que muitas vezes pode parecer despercebido.

No jornalismo, apenas 20% são negros nas redações brasileiras¹⁸, além de que, desse percentual, mais de 50% afirma ter sofrido algum tipo de racismo e, para 98% a carreira acaba sendo mais difícil devido à sua cor (Figura 4). Segundo a jornalista e coordenadora da Rede Jornalistas Pretos, Marcelle Chagas, a região Nordeste é a que tem há anos posicionamentos importantes para a sociedade brasileira que política, cultura e outros segmentos, ela ainda acredita que isso possa ser reflexo desta visão um pouco mais progressista e aberta da sociedade, diferente das regiões Sudeste e Centro-Oeste que são regiões mais conservadoras e elitistas.

Figura 4 - Jornalismo e cor da pele: o racismo dentro das redações

¹⁸ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/so-20-dos-jornalistas-sao-negros-nas-redacoes-brasileiras/>> Acesso em 15 mai. 2023.



Fonte: Poder 360 | Perfil Racial da Imprensa Brasileira¹⁹

Muitas vezes em que a pauta do racismo vira um dos assuntos mais falados nas mídias sociais, as redações procuram acompanhar para que a discussão se perpetue também nas telas, mas a ideia de estereotipar o assunto ao restante do público não agrada muito a parcela dos telespectadores que apoiam a luta antirracista.

Um exemplo disso é a TV Globo, que em 2020 contou com uma edição especial do programa Em Pauta, composta exclusivamente por jornalistas negros tratando sobre o assunto, foi exibida no horário do Globo Repórter devido ao clamor do público, que direcionou sua atenção para a pauta do racismo, reacendendo o debate em plena pandemia do coronavírus.

Durante o início do mês de junho, a CNN Brasil adotou uma abordagem similar ao destacar os seus apresentadores e analistas negros para analisar, comentar e debater as pautas emergentes. Além disso, o canal convidou especialistas e estudiosos para participarem das edições de seus telejornais, buscando aumentar a representatividade negra em sua programação. Dessa forma, a emissora buscou promover a diversidade e ampliar a presença de vozes negras ao longo dos dias (FRANSCISCO, 2020).

¹⁹ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/carreira-e-mais-dificil-para-98-dos-jornalistas-negros-diz-pesquisa/>> Acesso em: 15 mai. 2023.

Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valoração cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso. (MOREIRA, 2020, p.95)

Vascouto (2020) entende que esses estereótipos reforçam o racismo e as desigualdades decorrentes dele na sociedade, promovendo a invisibilização e desvalorização da população negra. Quando não encaixados nas categorias citadas acima, os negros também são os principais cotados para falar sobre a escravidão, racismo e tudo o que os envolvem em questões de inferioridade.

A jornalista Fernanda Carvalho, primeira âncora negra no RBS Notícias e a única repórter negra trabalhando na editoria de Geral na RBS TV (BANDEIRA, 2021), foi a personagem de uma matéria especial sobre ancestralidade negra no Rio Grande do Sul. Fernanda revisitou registros de seus avós e bisavós com o objetivo de entender o trajeto feito por eles após a abolição. A reportagem foi ao ar no quadro JA Repórter, exibido no Jornal do Almoço, da RBS TV.²⁰

No caso do telejornalismo, o que é exibido nas telas tem o objetivo de estimular o senso crítico (SILVA, 2017). Quando não é produzido em sua raiz ética, como eram as primeiras manifestações pós-abolicionistas na mídia, faz-se necessário entender o motivo pelos quais o mesmo contribuiu com o racismo que é presenciado até os dias de hoje nesse formato.

Todos os casos listados acima que trouxeram o negro em suas diversas ocupações, foram pontuados devido à temática em que estavam inseridos, mas não foram isolados e exemplificam a imagem criada no imaginário do público, sendo influenciado a partir de ações das edições de telejornais do país inteiro e das impunidades sofridas por quem ainda insiste em aproveitar-se da pauta.

²⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/05/13/jornalista-mostra-origem-de-antepassados-negros-no-rs-sou-a-4a-geracao-livre-da-minha-familia.ghtml>> Acesso em: 21 mai. 2023.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo serão analisados os estereótipos comumente associados aos profissionais negros na televisão e no telejornalismo em especial. Através dessa análise, buscar-se-á compreender como tais estereótipos influenciam a forma como os jornalistas negros são tratados em seu ambiente profissional e de que maneira esse fator contribui ou não na pauta antiracista. Para que possamos desenvolver, utilizaremos como método a Análise de Conteúdo que consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Ainda conforme a autora, essa metodologia de investigação pode ser caracterizada como "um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados" (BARDIN, 2016, p. 15). Essa metodologia é dividida em três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise consiste na organização propriamente dita e tem como objetivo "tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações" (BARDIN, 2012, p.125).

Após isso, a análise consiste na etapa de exploração do conteúdo onde ele é organizado através de procedimentos de codificação, desmontagem ou enumeração (BARDIN, 2012).

A terceira deve analisar e interpretar os resultados obtidos na organização realizada previamente. Nesse momento, pode-se criar tabelas, gráficos e padrões nos quais as informações adquiridas se tornem evidentes e acessíveis a quem as observa.

Após esses processos, passamos para a etapa da codificação. "É o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo" (BARDIN, 2016, p. 133). Para isso, são feitas três escolhas: o recorte, que refere-se à seleção das unidades; a enumeração, que envolve as regras de contagem; e a classificação e agregação, que envolvem a escolha das categorias. Por fim, chegamos à categorização, que, segundo Bardin (2016), é "uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida,

por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2016, p. 147).

4.1 Pré-análise

Com o que fora explicado ao longo deste trabalho, é possível entender que na sociedade contemporânea, a mídia desempenha um papel fundamental na construção de narrativas e na formação de opiniões. Nesse sentido, torna-se relevante examinar as pautas mais comuns associadas aos jornalistas negros e refletir sobre as implicações dessas representações estereotipadas na pauta antirracista no país.

Como objeto de pesquisa foi escolhido o programa Em Pauta, da emissora GloboNews, na edição exibida no dia três de junho de 2020. Edição essa que contou com a participação de seis jornalistas negros como retratação em relação à edição anterior de abordagem sobre o caso George Floyd.

George Floyd era um homem negro que foi morto em 25 de maio de 2020, em Minneapolis, nos Estados Unidos. Ele foi abordado pela polícia após ser acusado de tentar usar uma nota falsa de vinte dólares em uma loja. Durante a prisão, o policial Derek Chauvin pressionou o joelho contra o pescoço de Floyd por cerca de nove minutos, mesmo após ele implorar por ajuda e afirmar que não conseguia respirar. Floyd foi posteriormente declarado morto no hospital.

A brutalidade do assassinato de George Floyd, capturada em vídeos feitos por testemunhas, causou indignação e revolta não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. As imagens espalharam-se rapidamente pela internet, gerando uma onda de protestos e movimentos de apoio à justiça racial.

Nas redes sociais, o caso de George Floyd gerou uma grande mobilização. A hashtag #JusticeForGeorgeFloyd (Justiça para George Floyd) tornou-se viral, com milhões de pessoas expressando sua solidariedade e exigindo que os envolvidos fossem responsabilizados. Muitas postagens também destacaram questões mais amplas, como o racismo sistêmico e a brutalidade policial enfrentada pelas comunidades negras.

Além disso, as redes sociais desempenharam um papel importante na disseminação de informações sobre o caso e na organização de protestos. As pessoas compartilharam informações sobre manifestações, doações para fundos de apoio e recursos educacionais relacionados ao racismo e à justiça social.

Influenciadores, ativistas e celebridades usaram suas plataformas online para amplificar

as vozes dos protestos e promover mudanças nas políticas e nas atitudes em relação à discriminação racial.

E, mesmo durante um período que deveria ser de isolamento e cuidados à saúde, fez-se necessário que milhões saíssem às ruas para lutar por uma causa que tomara proporção mundial com uma pauta já tão antiga. No Brasil, as manifestações maiores aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro (CARATCHUK, 2020).

4.2 Descrição do objeto

O caso foi pauta na maioria dos jornais e veículos de comunicação do Brasil. E na GloboNews não foi diferente. Um deles foi o programa Em Pauta exibido no dia dois de junho de 2020, um dia antes da edição que analisaremos neste trabalho. O programa, comandado por Marcelo Cosme que tratou sobre o caso ao lado de seis jornalistas brancos, gerou incômodo nos telespectadores. O que provocou a viralização nas redes sociais.

Figura 5 - Tweet em protesto ao programa exibido no dia 02/06/2020



Fonte: Twitter²¹

A postagem obteve 2.795 retweets, 709 comentários, 20,5 mil curtidas e 97 itens salvos. Mais tarde, Irlan Simões, que é doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e autor da publicação²², acrescentou:

²¹ Disponível em: < <https://twitter.com/IrlanSimoos/status/1267975162697338881> > Acesso em: 31 mai. 2023

²² Disponível em: < <https://twitter.com/IrlanSimoos/status/1268005405856337925> > Acesso em: 31 mai. 2023

Só completando porque algumas pessoas não entenderam: trazer convidado é até menos difícil, me refiro ao quadro de funcionários da casa. A gente sabe que tem (gente brilhante inclusive), mas que parece que não pode estar no papel de "comentarista especialista" (2 JUN. 2020, 11:23 PM. TWEET).

A movimentação resultou em uma edição de retratação da emissora no outro dia. O programa do dia três de junho então contou com seis jornalistas pretos.

Figura 4 - Em Pauta exibido no dia 03/06/2020



Fonte: G1²³

Para fins de contextualização do telespectador do porquê da edição, Marcelo Cosme, apresentador oficial do programa, inicia falando sobre a cobertura da GloboNews no caso de racismo envolvendo a morte de George Floyd²⁴. No vídeo, enquanto ele fala, o VT vai sendo coberto com as imagens de cada um dos programas da emissora em que a pauta repercutiu. O apresentador, em um estúdio diferente do usual do programa, após a repercussão, fez questão de relembrar que todos os jornalistas que comentaram sobre o assunto no dia anterior eram pessoas brancas, mas que tinham vasta experiência e alto nível profissional. No entanto, ele termina com a frase: "Eu estaria mentindo se dissesse que foi um acidente" (COSME, 2020).

No entanto, Marcelo Cosme menciona que a Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos profissionais negros que têm tanto em frente às câmeras quanto por trás delas. Ele cita os telejornais da GloboNews e da TV Globo. Mas que, devido a razões históricas e estruturais, os colegas negros ainda não são tão representados como desejado. Após isso, mostra o print da repercussão da edição anterior com, somente, jornalistas brancos comentando os protestos e a morte de George Floyd. Ele diz que entenderam o recado e que aceitaram a

²³ Disponível em: <<https://bit.ly/3MMo1In>> Acesso em: 29 de mai. 2023

²⁴ Disponível em: https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/no-em-pauta-jornalistas-relatam-experiencias-com-racismo-8601095.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_content=post&utm_campaign=gnews&fbclid=IwAR0eziNZx-Usl33NH6zfYAoKeFTR9ZXdGqLpK-uMDieTdqzgwXR6ngw-eDg > Acesso em: 09 de mai. 2023

sugestão da colega Márcia Gonçalves, que é editora-chefe do Profissão Repórter. E chamou os colegas “de mais alto nível para falar de um assunto que eles conhecem bem porque o enfrentam em suas vidas” (COSME, 2020). Em seguida, passa o bastão ao Heraldo Pereira, apresentador que assume a edição, também negro. Além do Heraldo, a edição do dia dois de junho de 2020 contou com as jornalistas: Flavia Oliveira, Zileide Silva, Aline Midlej, Lilian Ribeiro e Maria Júlia Coutinho. O GC continha o texto do tweet dizendo: “rapaziada, a pauta é racismo”.

4.3 O programa do dia três de junho de 2020

A edição iniciou às 20h nos sinais de TV a cabo. O formato deu-se pelo apresentador no estúdio, mediando as falas das colegas remotamente de outros locais. No roteiro, a ordem era começar com Flávia Oliveira para que ela falasse sobre sua experiência com o racismo no Brasil. Ao saudar o apresentador, ela agradece a oportunidade de estar ali. Flavia Oliveira é jornalista de socioeconomia. Profissionalizou-se como técnica em estatística pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas antes de concluir a graduação na Universidade Federal Fluminense em 1992. Construiu sua carreira jornalística no Grupo Globo, trabalhando em praticamente todas as plataformas midiáticas – jornal, TV, rádio e internet.

Logo em seguida, a palavra é passada para Zileide. A jornalista e apresentadora foi correspondente internacional em Nova Iorque de 2000 a 2003, participando da cobertura dos atentados de 11 de setembro de 2001. Ela iniciou a sua carreira no rádio ainda durante a faculdade. Trabalhou na Rádio Cultura e para o Grupo Bandeirantes, onde garantiu também suas primeiras experiências na televisão. Passou ainda pela TV Cultura e SBT antes de atuar em diversos telejornais da Globo desde 1997. No programa, a profissional começa compartilhando a sua experiência com o racismo enquanto ainda era repórter. Ela relata uma situação em que estava realizando uma cobertura acompanhada por um cinegrafista branco, loiro e de olhos azuis. Zileide se deparou com uma entrevistada que não se dirigia a ela, mas apenas ao cinegrafista durante a produção da reportagem. Nesse momento, o presidente da FIESP chegou e cumprimentou-a com toda gentileza e atenção, relata. Enquanto a entrevistada que a ignorava anteriormente demonstrou sinais de constrangimento na hora. Depois do seu relato, a palavra é retomada à Flávia, que também conta a sua experiência enquanto mulher negra.

Flávia Oliveira (2020) diz que "ter a pele negra é algo que nos acompanha a vida toda". Ela conta a sua experiência mais recente, em que fez uma cirurgia para a retirada de um nódulo

no seio. Durante a internação, a enfermeira que se dirigiu a ela com a ficha para preencher e a questionou perguntando se Flávia já havia ido para o quarto, e ela respondeu que ela era a paciente, mesmo estando vestida de branco. A enfermeira comentou: "É que você parece tão bem que pensei que não fosse a paciente" (OLIVEIRA, 2020). Segundo Flávia, o hospital era particular, o que significa que mulheres negras vestidas de branco nesses locais normalmente são consideradas acompanhantes e nunca pacientes. "Esse é o retrato do racismo que vivemos no Brasil. Hora velado, hora escancarado" (OLIVEIRA, 2020). Ao finalizar, o apresentador Heraldo retoma a palavra e faz uma breve pausa na pauta, enfatizando, mais uma vez, que está com suas colegas - no caso, as colegas negras - para comentar sobre um caso de racismo que caracteriza como triste.

A próxima a falar é a Lilian Ribeiro. A jornalista que hoje não faz mais parte do quadro de profissionais da GloboNews começou a estagiar na Rede Globo em 2007, descobrindo-se na rádio CBN com o talento para a carreira como âncora. O apresentador passa a palavra para Lilian Ribeiro, que conta sua experiência com o racismo. Segundo ela, o racismo no Brasil está presente no olhar, "no olhar de quem não nos vê e também no olhar de quem nos vê em determinados lugares" (RIBEIRO, 2020). Ela faz conexão com a história de Zileide e ressalta que já chega aos lugares com o microfone em punho para que não haja dúvida de que ela é a repórter da pauta. "Eu também estou aqui para perguntar e tratar de assuntos relevantes com vocês, e também sou uma mulher negra" (RIBEIRO, 2020), conclui a jornalista ao compartilhar sua experiência. Lilian também comenta sobre o olhar dentro das lojas, onde os negros são perseguidos e rotulados como possíveis ladrões nos estabelecimentos que frequentam. Segundo ela, essa é a marca do racismo "à brasileira".

A próxima a falar foi a Maju. Maria Júlia Coutinho, que alcançou grande notoriedade como a meteorologista do Jornal Nacional na Globo, acabou se tornando a primeira mulher negra a ocupar essa posição de destaque. Em 2019, tornou-se âncora do Jornal Hoje. Hoje em dia é uma das apresentadoras do Fantástico ao lado de Poliana Abritta. Marcando a substituição de Tadeu Schmidt. Maju, que ressalta estar muito feliz em participar da edição do programa, também diz considerar um momento histórico, e expressa o desejo de que se torne realidade. Maju afirma lembrar de episódios racistas desde sua infância. Ela foi injustamente acusada de ter roubado o estojo de uma das colegas na época. Já adulta, a jornalista compartilha um incidente: quando estava passeando pela rua próxima à casa de seus pais na praia, e um grupo de jovens brancos a avistou e começou a zombar e imitar barulhos de macacos como uma ofensa direcionada a ela. Segundo Maju, ela voltou para casa revoltada com a situação, contou aos pais

e retornou ao local para repudiar a atitude dos jovens.

Heraldo, apresentador da edição, retoma a palavra para si. Nesse momento, ele ressalta: "Me sugeriram que eu também fale sobre minhas experiências com o racismo, e eu também vou compartilhar, senão fica parecendo que eu não tenho experiência com o racismo" (PEREIRA, 2020). Em seguida, a palavra é passada para Aline Midlej. A apresentadora e jornalista de São Luís (MA) e criada em São Paulo (SP) deu início à sua carreira na televisão como produtora na Record. Em seguida, teve passagens pela Band, onde atuou como repórter e também como âncora do Jornal da Band e do Café com Jornal. Em 2016, Aline Midlej foi contratada pelo Grupo Globo. Na GloboNews, assumiu a apresentação de diversos programas e consolidou-se como âncora da edição das 10h. Em 2021, assumiu a posição de apresentadora no Jornal das Dez da noite. No mesmo ano, passou a integrar o grupo de apresentadores que fazem o rodízio no Jornal Nacional, da emissora Globo. A câmera aproxima-se dela que disse: "Embora pautados por acontecimentos lá de fora, é mais uma oportunidade para falar do racismo aqui no Brasil" (MIDLEJ, 2020). Com um semblante sério, ela acrescenta:

O racismo mata aqui. O racismo tira o ar, tira o oxigênio, assim como aconteceu com George Floyd. O racismo também tira a nossa autoconfiança, tira nossas oportunidades, nos causa medo, e muitos de nós não fomos preparados para vivê-lo e enfrentá-lo. Então, quase diariamente, aqui na cobertura, sempre que tenho a oportunidade, eu falo. O racismo aqui no Brasil não é velado, é escancarado, a gente tem que ver (GLOBONEWS...2020).

Encerrando a primeira rodada de relatos, a jornalista relembra que era ótima produtora e descreve a vivência de transição dos bastidores para o vídeo. Ela tinha 22 anos na época em que o chefe sugeriu algumas mudanças para que ela estivesse em frente às câmeras. "Aline, eu só acho que nós devemos mudar algumas coisinhas. É que você é bonita, tem presença, sua voz é boa, mas, sabe, o cabelo eu acho que não será bem assimilado, acho melhor você mudar" (MIDLEJ, 2020). Em resposta, Aline disse que então não seria ali que iria começar sua carreira. Após o episódio, acabou iniciando em outro lugar e, depois de já tê-la consolidado, foi procurada duas vezes pela emissora, mas não aceitou. Ela também destaca que "O orgulho negro pauta o sistema porque é um mercado consumidor" (MIDLEJ, 2020). E o primeiro bloco resume-se nos depoimentos pessoais de cada uma das jornalistas.

Em um segundo momento, são trazidas imagens das manifestações que estavam ocorrendo nos Estados Unidos. Enquanto o vídeo roda ao vivo, as jornalistas comentam com o que representam para cada uma delas. Maju ressalta um momento marcante do caso. Em que a filha de George Floyd falou que o pai havia mudado o mundo durante um dos protestos durante o dia. Flavia destaca a imagem que acabara de ser veiculada. A de um flashmob em que todos

estavam deitados de barriga para baixo e com as mãos para trás, em referência à posição em que Floyd fora assassinado. Ela comenta sobre a capacidade dessa geração em produzir imagens marcantes com recados profundos e significativos como o da cena veiculada. A jornalista também relembra as palavras de Barack Obama reconhecendo a juventude enquanto relembra Martin Luther King e Malcom X, ambos assassinados aos 39 anos. Ao passar a palavra para a Lilian Ribeiro, Heraldo enfatiza a experiência da jornalista com as favelas e subúrbios do Rio de Janeiro. Ela relembra um episódio de racismo que presenciou no subúrbio carioca. Zileide faz menção à posse de Barack Obama como uma esperança de um novo momento e Heraldo Pereira, quando retoma a mediação, comenta sobre ele ser o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Maju segue falando e faz uma comparação: quando Barack Obama tomou posse da presidência nos EUA, segundo ela, houve a sensação de “agora eu posso respirar” (COUTINHO, 2020). Naquele momento, o slogan era outro: “não consigo respirar”, frase dita por George Floyd enquanto era asfixiado pelo policial.

No terceiro momento, o apresentador lança a pergunta sobre como as famílias das profissionais que ali estavam furaram a bolha do racismo. Em seguida, cada uma delas comentou sobre a sua vivência. Por fim, Flávia Oliveira pergunta ao apresentador como ele furou o bloqueio. Ele começa dizendo que foi pego de surpresa pela colega, conta a sua história e se emociona. O programa encaminha-se para o encerramento e cada uma das jornalistas agradece. Em sua vez, Maju acrescenta:

Eu sei que foi um momento histórico e é maravilhoso estar com vocês. A gente abriu uma porta muito grande aqui. Hoje a pauta importante foi a luta antirracista sim, mas que nós negras e negros não fiquemos em uma segunda escravidão que é só falar sobre esse tema [...] e que isso vá para frente. Falemos de racismo mas a gente fala também de outra coisa. Eu não quero mais ser chamada só para entrevistas que falem só sobre a questão do negro, temos muito mais a oferecer. Que é importante que se normalize a nossa presença falando de diversos assunto (GLOBONEWS...2020).

4.4 Recorte e categorização

Na edição escolhida do programa serão analisadas as seguintes categorias: 1) Retratação 2) Caso Floyd 3) Experiência pessoal 4) Racismo estrutural e 5) Estereótipos. Na categoria número 1) observa-se-á tudo o que se refere a elementos que contribuem para que o programa sirva como uma retratação com o telespectador após o movimento na internet a partir da edição do dia anterior só com jornalistas brancos. Na 2) a conexão entre o conteúdo abordado e a pauta proposta inicialmente no programa. Na categoria 3) será analisado o espaço dado no programa

para a experiência pessoal dos jornalistas envolvidos para além do profissional de cada um. Na 4) serão observados todos os fatores que contribuem ou não para a perpetuação do racismo estrutural. E na categoria número 5) os pontos que reforçam os estereótipos que normalmente são atribuídos às pessoas pretas. Sendo organizadas da seguinte forma:

Retratação	Caso Floyd	Experiência pessoal	Racismo estrutural	Estereótipos
Print do tweet de alerta do internauta no começo do programa	Imagens ou ausência das mesmas em relação à pauta	Contribuição de cada um dos jornalistas durante o programa	Todas as vezes em que os profissionais puderam contribuir para além da sua experiência com o racismo	Referência aos colegas com um assunto que, segundo o apresentador eles “sabem bem”
Imagens da cobertura da emissora em outros programas com pessoas pretas	Momentos em que a pauta é trazida pelos profissionais	$\frac{2}{3}$ do programa com foco em relatos pessoais		Escalação de jornalistas negros
Ênfase na repercussão do dia anterior e motivação da edição atual	Falta de informações sobre o caso			

Fonte: autor

4.4.1 Análise das categorias

A começar pela categoria de Retratação, observa-se que existe a necessidade de se justificar ao telespectador quando o então apresentador Marcelo Cosme começa o programa de outro estúdio, que não o usual do programa, falando sobre a cobertura da GloboNews no caso de racismo envolvendo a morte de George Floyd. O VT vai sendo coberto com as imagens de cada um dos programas da emissora em que a pauta repercutiu. Nessas imagens, aparecem todos os programas em que o assunto foi pauta, inclusive com jornalistas negros ancorando. Marcelo

relembrou que todos os jornalistas que comentaram sobre o assunto no dia anterior eram pessoas brancas, mas que tinham vasta experiência e alto nível profissional. No entanto, ele termina com a frase: "Eu estaria mentindo se dissesse que foi um acidente". Cosme também ressalta que a Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos profissionais negros que têm tanto em frente às câmeras quanto por trás delas. Após isso, o print com o tweet de protesto à edição anterior com somente jornalistas brancos comentando os protestos e a morte de George Floyd, é mostrado na tela. Tudo isso antes de passar a palavra para Heraldo Pereira, jornalista convidado para apresentar a edição em questão.

A partir disso é possível identificar a consideração feita por Azevedo e Nohara (2008) em relação aos discursos veiculados na mídia. As autoras classificam que o racismo no Brasil se manifesta nos meios de comunicação de maneira similar à sua presença na sociedade brasileira: de forma dissimulada, se referindo a ausência de representação dos negros na mídia.

Na categoria dedicada ao Caso Floyd, é possível observar que são poucos os momentos em que a pauta é contextualizada ao telespectador. Somente após os relatos pessoais de racismo de cada jornalista presente foi dedicado um tempo para a transmissão das imagens de protesto, o que serviria como base para o próximo tópico de fala dos profissionais. Após a introdução do programa e transferência de bastão de Marcelo Cosme para o Heraldo Pereira, iniciou-se a roda de compartilhamento das experiências pessoais de cada uma das jornalistas. A palavra foi da Zileide, Flávia Pereira, Lilian Ribeiro, Maju e só quando chegou a vez de Aline Midlej que o caso foi mencionado. E pela própria jornalista:

O racismo mata aqui. O racismo tira o ar, tira o oxigênio, assim como aconteceu com George Floyd. O racismo também tira a nossa autoconfiança, tira nossas oportunidades, nos causa medo, e muitos de nós não fomos preparados para vivê-lo e enfrentá-lo. Então, quase diariamente, aqui na cobertura, sempre que tenho a oportunidade, eu falo. O racismo aqui no Brasil não é velado, é escancarado, a gente tem que ver (GLOBONEWS...2020).

Somente quinze minutos depois do início George Floyd foi mencionado no programa. Um agravante para o alerta que a edição poderia proporcionar ao destacar a emergência do fato já que, no Brasil, de todos os homicídios ocorridos, 72% foram de pessoas negras em 2022 segundo o Fórum de Segurança Pública. Almeida (2019), argumenta que a morte para o negro não representa apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição. Nota-se a emergência em enfatizar a problemática envolvendo os casos como de George Floyd, o que ocupou somente um terço do programa.

O primeiro bloco foi reservado inteiramente como um espaço para que cada uma das jornalistas convidadas pudesse contar a sua experiência com o racismo no Brasil. Iniciando na terceira categoria dessa análise, de Experiência Pessoal, destacam-se os momentos quando Zileide relata uma situação de racismo vivida enquanto produzia uma cobertura acompanhada por um cinegrafista branco, loiro e de olhos azuis. Em seguida, Aline Ribeiro comenta que o racismo no Brasil está presente no olhar, "no olhar de quem não nos vê e também no olhar de quem nos vê em determinados lugares" (RIBEIRO, 2020). Ela faz conexão com a história de Zileide e ressalta que já chega aos lugares com o microfone em punho para que não haja dúvida de que ela é a repórter da pauta. "Eu também estou aqui para perguntar e tratar de assuntos relevantes com vocês, e também sou uma mulher negra" (RIBEIRO 2020). Silva e Rosemberg (2008) apontam que a mídia atua diretamente na sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico, enquanto produz e veicula discursos que naturalizam a superioridade branca e discriminam os negros. Outro momento em que reforça a ideia de que os convidados só estavam ali pelas suas "experiências com o racismo" é quando Marcelo Cosme inicia dizendo que chamou os colegas "de mais alto nível para falar de um assunto que eles conhecem bem porque o enfrentam em suas vidas" e, quando ao passar a palavra para a Lilian Ribeiro comentar sobre os protestos, Heraldo destaca a experiência da jornalista com as favelas e subúrbios do Rio de Janeiro. Quando os relatos pessoais tomaram espaço de destaque, acabaram por naturalizar essa discriminação.

A sustentação analisada acima também está ligada à categoria de Racismo Estrutural escolhida neste trabalho. Heraldo Pereira, em um momento, diz: "Me sugeriram que eu também fale sobre minhas experiências com o racismo, e eu também vou compartilhar, senão fica parecendo que eu não tenho experiência com o racismo" (PEREIRA, 2020). Dando a entender que, se não for negro e não tiver experiência com o racismo, não é digno de estar ali com outros negros falando sobre. Pois essa é seria a posição que importa: a de negro minorizado. Não foram chamados para analisarem dados ou opiniões técnicas, mas para falar sobre racismo deixando a mensagem de que negros só tem potencial para falar sobre esse tema. Maju, inclusive, fala sobre isso no final do programa:

Eu sei que foi um momento histórico e é maravilhoso estar com vocês. A gente abriu uma porta muito grande aqui. Hoje a pauta importante foi a luta antirracista sim, mas que nós negras e negros não fiquemos em uma segunda escravidão que é só falar sobre esse tema [...] e que isso vá para frente. Falemos de racismo mas a gente fala também de outra coisa. Eu não quero mais ser chamada só para entrevistas que falem só sobre a questão do negro, temos muito mais a oferecer. Que é importante que se normalize a nossa presença falando de diversos assuntos (GLOBONEWS...2020).

Francisco (2020) ao tratar da presença de pessoas negras na televisão argumenta que também é preciso trabalhar na estratégia do vídeo.

Na categoria Estereótipo o objetivo é analisar o fato de todos os jornalistas serem negros para tratar da pauta, como se fosse um assunto só de pessoas pretas e não de brancos. Silva (2017) enfatiza que a televisão é um meio com potencial de persuadir e influenciar o comportamento dos telespectadores, propagando ou reforçando modelos e perspectivas que ultrapassam a tela e chegam ao contexto social. Ou seja, modelos que são presenciados na televisão e reproduzidos no dia a dia. Uma mensagem que fica no imaginário de quem assiste. Mesmo sendo uma retratação, o erro iniciou na edição anterior, sem o equilíbrio no quadro de profissionais escolhidos. Nesse caso, com edição completamente formada por jornalistas negros, o programa contribuiu para que o estereótipo do negro falando sobre racismo siga de pé e o racismo estrutural permaneça em sua estratégia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa análise, destacam-se três pontos principais. Entre elas, a estratégia de chamar atenção da audiência com a protagonização dos profissionais negros para falar especificamente sobre a pauta de racismo. O programa evidencia a presença dos jornalistas negros na discussão do tema racismo quando substitui de maneira radical toda a bancada do programa, o que denota uma forma de atribuir a eles a responsabilidade de abordar essa questão específica.

Segundo ponto: a falsa ideia de diversidade. O programa destaca, logo no início, que a emissora valoriza a diversidade e se orgulha dos profissionais negros que possui. No entanto, também reconhece que a representação ainda não é tão ampla como desejado, devido a razões históricas e estruturais. Mas tudo isso só aconteceu após a repercussão na internet. Antes, todos os profissionais que trataram do tema ainda eram brancos, mesmo com jornalistas negros no escopo da emissora. Essa reflexão é importante para reconhecer a relevância da diversidade e a necessidade de superar os estereótipos e preconceitos presentes na mídia. No entanto, é fundamental ir além das discussões pontuais e buscar uma transformação estrutural que garanta a inclusão e a representatividade em todas as áreas e assuntos, não apenas quando se trata de questões raciais.

O terceiro ponto, trata-se de um certo antirracismo mercadológico. Na publicização da edição considerada histórica, o que parece é que a participação dos profissionais se deu, realmente, para falar sobre o caso de George Floyd. O que não foi bem assim. Os jornalistas extraordinariamente convidados para o Em Pauta precisaram relatar e lembrar momentos desagradáveis para suprir mais uma demanda da emissora naquele momento, do que da audiência em si. O que negligencia as suas experiências profissionais, conhecimentos e qualificações que ficam em segundo plano. Após toda essa movimentação, o fluxo dos programas da GloboNews seguiu normalmente e nada mudou e não muda até os dias de hoje. Os jornalistas pretos continuam sendo minoria.

Ainda assim, o presente trabalho consiste em interpretar os elementos que denotem que pauta antirracista e a luta pela desigualdade racial não é de todos e sim da pessoa preta. Ao considerar esse tema, não se imagina o quão denso e ao mesmo tempo significativo seria. A comunicação e, muito mais o jornalismo, possuem uma missão fundamental no trabalho para desconstrução desse racismo estrutural que nos rodeia. E ao mesmo tempo, tem bastante trabalho. Iniciativas como essa de uma emissora tão consolidada e que alcança um público tão grande só contribui para que outros negros acabem como George Floyd um dia. Quanto aos estereótipos na televisão, seja no entretenimento ou no jornalismo, é possível entender que é

um trabalho que deve ir dos processos seletivos à edição.

Jornalistas negros não devem ser lembrados só para falar sobre racismo, sobre as suas experiências com ele, ou sobre os seus ancestrais que sofreram e lutaram para que estivessem nas condições em que se encontram hoje. Eles precisam estar nas editorias de economia, cultura, política e tudo o que envolve a sociedade. E, quanto às pautas que envolvem racismo, que venhamos a dividir a bancada com brancos conscientes e preparados para falar também. O tema é de todos. Com mais da metade da população de um país considerada negra e a televisão como o maior e principal veículo de comunicação não representar essa proporção e, pelo contrário, reforçar a desproporcionalidade vivida na sociedade através do reforço de estereótipos.

Em um determinado momento da faculdade, em uma palestra, um jornalista e importante diretor-executivo de televisão disse que normalmente perguntam porque não têm jornalistas negros nas coberturas. E ele respondeu dizendo: “é porque o currículo dessas pessoas acabam não chegando até nós pois elas não se vêem nesses espaços”. É importante refletir sobre esta declaração: será mesmo? E se for verdade, talvez seja pelo fato dessa pré-indisposição de ser o case do dia da consciência negra ou até mesmo ter que ensinar o motivo pelo qual falar de racismo é tão importante.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Região do Quilombo dos Palmares se tornará patrimônio cultural do Mercosul**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-11/regiao-do-quilombo-dos-palmares-se-tornara-patrimonio-cultural-do-mercosul>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- ALMADA, Sandra. Prefácio. In: *Mídia e racismo. Coleção negros e negras: pesquisas e debates*. Florianópolis: ABPN, 2012.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural (Feminismos Plurais)**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019. *E-book*.
- AMORIM, Daniela Oliveira Albertin de; CAMARGO, Eduardo. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL. In: 6º INTERPROGRAMAS DE MESTRADO DA FACULDADE CÁSPER LÍBERO. Anais [...] São Paulo, 2010, p. 1-11. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Daniela-Oliveira-Albertin-de-Amorim-e-Eduardo-Camargo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.
- AZEVEDO, C. R.; NOHARA, J. J. **Interpretações sobre os retratos dos afro-descendentes na mídia de massa**. RAC, Curitiba, Edição Especial 2008, p. 119-146. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/f8JSv8k3vZrjBVpsZn78n9M/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 05 mai. 2023.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 70. ed. São Paulo: Casa de Ideias, 2011. 279 p.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- BRANDÃO, Cristina. **Telenovela: identidade calcada na verossimilhança da narrativa**. In: LAHNI, Cláudia e PINHEIRO, Marta. *Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- Brasil de Fato. **George Floyd: um ano do levante global que entrou para história da luta antirracista**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/25/george-floyd-um-ano-do-levante-global-que-entrou-para-historia-da-luta-antirracista> Acesso em: 14 maio 2023.
- Brasil Escola. (s.d.). **Juventude negra: violência simbólica e opressão por parte dos canais de mídia. Meu Artigo**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/psicologia/juventude-negra-violencia-simbolica-e-opressao-por-parte-dos-canais-de-midia.html> Acesso em: 05 maio 2023
- BECKER, Valdecir; GAMBARO, Daniel; DE SOUZA FILHO, Guido. The impact of digital media on Brazilian TV: Ratings drop and higher turnover. *Palavra Clave*, v. 18, n. 2, p. 341–373, 2015.

BERSANI, Humberto. **Aportes Teóricos e Reflexões Sobre o Racismo Estrutural no Brasil**. Revista Extraprensa, v. 11, n. 2, p. 175 – 196, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025/147028>. Acesso em: 01 maio 2023.

CABRAL, Uberlândia. Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento. **Agência IBGE**, nov. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento> Acesso em 11 abr. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei que aumenta pena para crime de injúria racial é sancionada**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/933932-lei-que-aumenta-pena-para-crime-de-injuria-racial-e-sancionada/> Acesso em: 02 maio 2023.

DAVIS, Angela. **Sempre que venho ao Brasil, assisto à TV para ver como o país se representa**. Nodeoito.com, 2014. Disponível em: <http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/> Acesso em: 12 jun. 2023.

ECYCLE. **Racismo reverso: o que é, mito ou verdade?**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/racismo-reverso/>. Acesso em: 02 maio 2023.

FAHS, Ana Salvatti. Direitos Humanos - Movimento Negro: histórias, conquistas e polêmicas. **Politize!**, nov. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/> Acesso em: 11 abr. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. A violência contra pessoas negras no Brasil 2022: desigualdades raciais no sistema de justiça criminal. 3ª edição 2021. Fonte: **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 16, 2022. (p. 11). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/11/infografico-violencia-desigualdade-racial-2022.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2023.

G1. **Jornalista mostra origem de antepassados negros no RS: "Sou a 4ª geração livre da minha família"**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/05/13/jornalista-mostra-origem-de-antepassados-negros-no-rs-sou-a-4a-geracao-livre-da-minha-familia.ghtml>. Acesso em: 14 maio 2023.

G1 Paraíba. (2023, 2 de fevereiro). **MPF pede prisão de apresentador e multa por crime de racismo**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/02/02/mpf-pede-prisao-de-apresentador-e-multa-por-crime-de-racismo.ghtml>. Acesso em: 05 maio 2023

[GLOBONEWS Em Pauta de 2 de junho 2020]. Rio de Janeiro: **GloboNews, 2020**. 1 vídeo (19min03s). Disponível em: https://g1.globo.com/globonews/globonews-em-pauta/video/no-em-pauta-jornalistas-relatam-experiencias-com-racismo-8601095.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_content=post&utm_campaign=

aign=gnews&fbclid=IwAR0eziNZx-Usl33NH6zfYAoKeFTR9ZXdGqLpK-
uMDieTdqzgwXR6ngw-eDg Acesso em: 15 jun. 2023

IMDS BRASIL. **Em pauta: sem computador e internet, jovens mais pobres têm menos oportunidades.** IMDs Brasil, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://imdsbrasil.org/em-pauta/materias/8/sem-computador-e-internet-jovens-mais-pobres-tem-menos-oportunidades>. Acesso em: 06 maio 2023.

IMDS BRASIL. **IMDs analisa o fenômeno da evasão escolar.** Disponível em: <https://imdsbrasil.org/em-pauta/materias/43/imds-analisa-o-fenomeno-da-evasao-escolar>. Acesso em: 15 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** 2. ed. [s.l]: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf Acesso em: 10 maio 2023.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Conteúdo em vídeo alcança 99,6% dos brasileiros.** 2023. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/conteudo-em-video-alcanca-996-dos-brasileiros/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MAGALHÃES, João C. Gomes. Históricos das favelas na cidade do Rio de Janeiro. **Desafios do Desenvolvimento**, v. 63, a. 7, p.1, nov. 2010. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23 Acesso em: 11 abr. 2023.

MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a Abolição. **Desafios do Desenvolvimento**, São Paulo, SP, v. 70, a. 8, p. 1, nov. 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28 Acesso em: 11 abr. 2023.

MENDES, Diego. **Polícia conclui que Seu Jorge foi alvo de racismo no RS, mas não identifica autores.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-conclui-que-seu-jorge-foi-alvo-de-racismo-no-rs-mas-nao-identifica-autores/>. Acesso em: 02 maio 2023.

MENEZES, Kalyne; TUZZO, Simone. **Cidadania, Racismo e mídia: a identidade do negro.** Comunicação & Informação, v. 16, n. 1, p. 156-170, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/80456> Acesso em: 05 maio 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos.** Revista USP, n. 68, p. 46-57, 2006.

Mundo Educação. (s.d.). **Racismo no Brasil. Mundo Educação.** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm>. Acesso em: 04 mai. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**, de Abdias Nascimento. Rio de Janeiro, 1978. *E-book*.

Nodeoito. **Estereótipos racistas em novelas brasileiras**. Disponível em: <http://nodeoito.com/estereotipos-racistas-novelas-brasileiras/>. Acesso em: 13 mai. 2023.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Enfrentar o racismo para que o povo se reconheça na imprensa**. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/equidade-racial/enfrentar-o-racismo-para-que-o-povo-se-reconheca-na-imprensa/> Acesso em: 13 mai. 2023.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **O agravamento do racismo e o papel da mídia**. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/equidade-racial/o-agravamento-do-racismo-e-o-papel-da-midia/> Acesso em: 13 maio 2023.

REVISTA QUEM. **Lilian Ribeiro sobre trabalho durante tratamento contra câncer: "Me ajuda a continuar sendo protagonista"**. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2021/12/lilian-ribeiro-sobre-trabalho-durante-tratamento-contra-cancer-me-ajuda-continuar-sendo-protagonista.html> Acesso em: 09 jun. 2023.

PODER360. **Ingresso de negros em universidades aumenta 205% com lei de cotas**. 2019. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/educacao/ingresso-de-negros-em-universidades-aumenta-205-com-lei-de-cotas/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Primeiros Negros. Flávia Oliveira. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/flavia-oliveira/> Acesso em: 09 jun. 2023.

QUERO BOLSA. **Escravidão no Brasil**. Quero Bolsa, 2022. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/historia-brasil/escravidao-no-brasil> Acesso em: 11 abril. 2023.

Rock Content. (s.d.). **O que é mídia? Rock Content Blog**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-midia/>. Acesso em: 05 maio 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **3 perguntas para Lia Vainer Schucman**. Revista Poder, São Paulo, n. 145, 2019. Disponível em: <https://revistapoder.uol.com.br/edicoes/edicao-145/3-perguntas-para-lia-vainer-schucman/>. Acesso em: 02 maio 2023.

SENADO. **Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SILVA, Daniel Neves. **História da televisão**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>. Acesso em 23 de maio de 2023.

SILVA, Márcio Corino Lantelme da. Programas de Auditório e o apelo à fantasia: Cultura de massa e o Grotesco na Comunicação. Juiz de Fora, f. 50, 2005 Monografia (Comunicação Social) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/MCorino1.pdf> Acesso em: 15 mai. 2022.

Silva, Natália Oliveira Teles da. **Representação das identidades negras na telenovela brasileira: entre estereótipos e resistências**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24303/1/2017_Nat%C3%A1liaOliveiraTelesdaSilva.pdf. Acesso em: 14 mai. 2023.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia**. Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, p. 73-117, 2008.

Simões, Irlan. "Texto do tweet" [tweet]. 28 de maio de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/IrlanSimoese/status/1267975162697338881>. Acesso em: 26 maio 2023.

SODRÉ, M. **O social irradiado: violência urbana, negro e mídia**. São Paulo: Cortez, 1992.

TELEDRAMATURGIA. **Xica da Silva**. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/xica-da-silva/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TAG REVISTA. **Negritude protagonista: novelas brasileiras e o árduo caminho pela representatividade**. (s.d). Disponível em: <https://www.tagrevista.com/post/negritude-protagonista-novelas-brasileiras-e-o-%C3%A1rduo-caminho-pela-representatividade>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TJDF - Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. **Racismo e saúde emocional: como o trauma afeta as vítimas**. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoes/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/racismo-e-saude-emocional-como-o-trauma-afeta-as-vitimas>. Acesso em: 02 maio 2023.

Todo Estudo. **Pierre Bourdieu**. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/pierre-bourdieu>. Acesso em: 13 mai. 2023.

UFSC - Perfil do Jornalista. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso em: 06 maio 2023.

UOL. Aline Midlej. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/aline-midlej> Acesso em: 09 jun. 2023.

UOL. George Floyd: Como negro morto pela polícia inspira hoje luta antirracista. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/#page18> Acesso em: 09 jun. 2023.

UOL. Maju Coutinho. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/maju-coutinho> Acesso em: 09 jun. 2023.

UOL. Quilombos. Mundo Educação, 2022. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombos.htm>> Acesso em 11 abr. 2023.

DA SILVA, Wagner Machado da. **A Cor Do Conhecimento: Afronarrativas, Racismos, Reexistências E (In)Visibilidade dos doutorandos e doutores negros nos programas de Pós-Graduação em Comunicação Do Rio Grande Do Sul.** Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/24817/1/000505454-Texto%2bcompleto-0.pdf> Acesso em: 15 jun. 2022

Wagner Machado da Silva, A. (s.d.). **A (in)visibilidade dos negros na docência. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.** Disponível em: [http://www.ufrgs.br/obcomp/textos-opinioes/0/2569/wagner-machado-da-silva-a-\(in\)visibilidade-dos-negros-na-docencia/](http://www.ufrgs.br/obcomp/textos-opinioes/0/2569/wagner-machado-da-silva-a-(in)visibilidade-dos-negros-na-docencia/). Acesso em: 05 maio 2023

WESTIN, Ricardo. **Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas.** Senado Notícias, 09 jun. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>. Acesso em: 01 maio 2023.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão.** Ática, 1996.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.